



QUEM AMA CUIDA



A Contribuição do Voluntariado
na Reabilitação de Pessoas com
Deficiência Física

Quem Ama Cuida

Quem Ama Cuida

A contribuição do voluntariado na Reabilitação
de Pessoas com Deficiência Física

A todos os voluntários, funcionários, parceiros e doadores ao longo dos 70 anos de existência da instituição. Em especial, a Claudio Collantonio (*in memoriam*), idealizador do tema deste livro.

APOIO

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente)

Quem ama cuida : a contribuição do voluntariado na reabilitação de pessoas com deficiência física / AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) ; [organização Ana Célia Aschenbach ; curadoria Marcella Centofanti]. -- São Paulo : AACD, 2021.

ISBN 978-65-996385-0-3

1. AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente)
2. Deficiência física 3. Pessoas com deficiência 4. Pessoas com deficiência física – Reabilitação 5. Voluntariado I. Aschenbach, Ana Célia. II. Centofanti, Marcella. III. Título.

21-87524

CDD-361.37

Índices para catálogo sistemático:

1. Voluntariado : Pessoas com deficiência física :
Reabilitação : Bem-estar-social 361.37

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Todos os direitos desta edição são reservados à AACD
— Associação de Assistência à Criança Deficiente

AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente)

Av. Professor Ascendino Reis, 724
Ibirapuera – São Paulo – SP
CEP: 04027-000 | Tel.: (11) 5576-0777

Créditos editoriais

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana Célia Aschenbach

PROJETO EDITORIAL

Ana Célia Aschenbach e Julius Wiedmann

PESQUISA ICONOGRÁFICA E ORGANIZAÇÃO

Mônica Kezan

ENTREVISTAS

Marcella Centofanti

REVISÃO

Alessandra Kormann

PROJETO GRÁFICO

Hardy Design

ILUSTRAÇÕES

Júlia Bianchi Zavagli

IMPRESSÃO

Santa Marta

Sumário

12	Carta do Presidente Carlos Eduardo Moraes Scripilliti
14	O voluntariado da AACD é exemplo para o Brasil, por Valdesir Galvan, CEO da AACD
17	A AACD pelo Brasil Infográfico com as oito unidades e ficha de cada uma delas
21	O Voluntariado Voluntariado: um vínculo de carinho, dedicação e altruísmo O verdadeiro espírito do voluntário da AACD O que leva uma pessoa a se tornar voluntária Uma história de amor e dedicação Batismo de voluntário Pin, o reconhecimento pela dedicação dos voluntários
33	Áreas de atuação do voluntariado O engajamento dos voluntários nos mais de 40 setores da instituição
43	As Décadas da AACD
44	1950: A força do trabalho voluntário nos “anos dourados” O começo do voluntariado no Brasil Nasce a AACD e o voluntariado atuante O voluntariado na arrecadação de doações Parada do Lírio O engajamento na classe artística no voluntariado da AACD
54	1960: Empatia e compaixão, as ferramentas dos voluntários na reabilitação dos pacientes Fase “damista” do voluntariado Aprendendo empatia e compaixão A importância do uniforme De paciente a membro voluntário do Conselho de Administração

62 **1970: O voluntariado rumo à melhoria da sociedade e da reabilitação**

Oficina Ortopédica decola com a ajuda do voluntariado
O primeiro setor de arte-reabilitação no Brasil
O pioneirismo do setor de fonoaudiologia
O adeus ao Dr. Bomfim

72 **1980: Mais qualidade no atendimento e foco no paciente**

A evolução do voluntariado
A Musicoterapia nasceu a partir de uma ação voluntária
Cartões de Natal da AACD
O papel da AACD na erradicação da poliomielite no Brasil

80 **1990: A década das transformações no voluntariado**

"Somos profissionais na área do servir"
De mãe de paciente à presidência do voluntariado da AACD
Jornal "O Lírio"
Corrente do Bem
Feira da Oportunidade
Teleton, a maratona
A história do Teleton pelo mundo
Os desafios para tirar o projeto do papel
Em filantropia, não existe a palavra eu, existe nós
Aportes financeiros
Apreensão e sucesso desde as primeiras edições
Time de peso

94 **2000: Edificando o voluntariado da AACD pelo Brasil**

Mapeando regiões
Seleção de voluntários
As três fases da política de expansão
O sonho da reabilitação no Nordeste
A vez de Porto Alegre e Uberlândia
Lei para adição de ácido fólico em farinhas nasceu pela iniciativa da AACD
AACD Esportes auxilia na reabilitação de pacientes e leva paratletas para as Olimpíadas
Eventos, festas e o voluntariado

104 **2010: A modernização do voluntariado na AACD**

Modelo de gestão da AACD
A vez do voluntariado
Jardim Encantado
Na trilha do voluntariado contemporâneo
Lar Escola e Centro de Pesquisas Clínicas
Voluntariado em família
Lei do Voluntariado protege instituições sem fins lucrativos
Os voluntários e a humanização
Cuidado humanizado
"A AACD é a minha segunda casa"

118 **2020: O desafio do voluntariado**

A AACD voluntariando na pandemia
Conexão no isolamento social
O voluntariado no mundo pós-pandemia
Voluntariado empresarial
A importância do Teleton 20 anos depois
"A AACD é meu terceiro filho"
O caminho para se tornar voluntário na AACD
Combatendo o capacitismo

131 **Linha do tempo**

139 **Créditos fotográficos**

141 **Bibliografia**

143 **Áudio descrição**

Carta do Presidente



Carlos Eduardo
de Moraes Scipilliti,
presidente voluntário
do Conselho de
Administração
da AACD.

A AACD cumpre a missão de levar tratamento de excelência a milhares de pessoas com deficiência física pelo Brasil há mais de 70 anos. Um sonho iniciado na década de 1950, pelas mãos do médico ortopedista Dr. Renato da Costa Bomfim, com todo apoio dos voluntários.

Nessa longa trajetória, enfrentamos muitos desafios para construir a nossa história, mas celebramos cada vitória com muita alegria. Fundamos o Hospital Ortopédico AACD, construímos diversas unidades pelo Brasil que realizam mais de 800 mil atendimentos por ano, inauguramos cinco Oficinas Ortopédicas e recebemos o reconhecimento das certificações internacionais Qmentum e Planetree — que asseguram qualidade e cuidado com os pacientes —, além de tantas outras realizações.

Em todas as conquistas, o voluntariado da AACD, que hoje conta com 1.200 pessoas engajadas na causa, sempre esteve presente, desde a governança até a atuação em diversas áreas da instituição.

A compaixão e a preocupação com o outro são características essenciais para a participação saudável na sociedade do século XXI, respeitando inclusão e diversidade. No voluntariado, a gente doa tempo, mas recebe muito em troca.

Como voluntário e presidente do Conselho de Administração da AACD, tenho muita honra em compartilhar esse sentimento de gratidão por fazer parte dessa história junto ao voluntariado. Mais do que a doação de tempo, os voluntários dedicam carinho e atenção aos pacientes, familiares e funcionários.

Convido você a conhecer mais sobre a trajetória do voluntariado da AACD e a prestigiar esse trabalho tão bonito e significativo.

Carlos Eduardo Moraes Scipilliti,
Presidente da AACD

O voluntariado da AACD é exemplo para o Brasil



Valdesir Galvan,
CEO da AACD.

Números da AACD

800 mil

atendimentos por ano

50 mil

produtos produzidos pela
Oficina Ortopédica por ano,
entre cadeiras de rodas,
próteses e órteses

5.643

cirurgias realizadas
no hospital da AACD

Há 70 anos, a AACD trabalha para dar visibilidade à pessoa com deficiência. Ela trata, prepara e dá assistência para que esses indivíduos superem os seus limites, tenham a maior independência possível e levem uma vida tranquila, com inclusão social.

O voluntariado da associação é um exemplo para o país. Somos referência entre organizações sociais e a prova de que, se cada um dedicar algumas horas da semana para uma causa, podemos contribuir para algo muito maior.

Para mim, os voluntários se dividem em três tipos: o da alta governança, o da operação cotidiana e o empresarial.

O que eu chamo de alta governança é composto por mais de cem associados que se identificam com a causa da AACD e dedicam parte do seu tempo para ela. Esse grupo elege os membros do Conselho de Administração, formado por executivos e empresários responsáveis pela perenidade da instituição, pela qualidade da assistência prestada e pela humanização no atendimento aos pacientes. O Conselho dita os rumos da AACD e contrata executivos para cuidar da operação, acompanhando sua atividade em reuniões realizadas periodicamente.

O segundo tipo de voluntário é aquele que trabalha no dia a dia, assumindo o compromisso de cumprir determinada carga horária semanal em alguma atividade específica na instituição. Essas pessoas acolhem os pacientes, ajudam no Bazar, dão orientações ao público e auxiliam os funcionários, entre outras atividades. Eles fazem um trabalho importantíssimo.

O terceiro tipo é o voluntariado empresarial, que atua em projetos pontuais, como as empresas que doam recursos e engajam funcionários na festa junina da entidade, por exemplo. Ou como o caso de uma empresa que doou as tintas e os voluntários entraram com a mão de obra para pintar a unidade de Osasco. São iniciativas que funcionam muito bem e ajudam a disseminar a cultura do voluntariado na sociedade.

A AACD só consegue prestar o seu serviço graças aos voluntários que tiveram a ideia de criar a instituição e que continuam trabalhando para dar continuidade a ela.

Valdesir Galvan,
CEO da AACD

A AACD pelo Brasil



Ao longo dos 70 anos da instituição, oito unidades foram inauguradas pelo país, levando saúde, reabilitação e acolhimento aos pacientes com deficiência física por parte da equipe médica, dos terapeutas e dos voluntários.



Ibirapuera, São Paulo, SP

A Unidade Ibirapuera abriga a matriz administrativa da AACD e o Hospital Ortopédico e é a maior em volume de atendimentos.

INAUGURAÇÃO: 1961

ATENDIMENTOS: práticas terapêuticas como Pilates Adaptado, Arte-Reabilitação, Musicoterapia, Integração Sensorial, Terapia por Contensão Induzida (TCI) e Terapias Robóticas.

Nº DE VOLUNTÁRIOS: 410

Osasco, SP

INAUGURAÇÃO: 2003

ATENDIMENTOS: a pacientes dos municípios da Grande São Paulo como Barueri, Juquitiba, Carapicuíba, Osasco, Cotia, Pirapora do Bom Jesus, Embu-Guaçu, Santana de Parnaíba, Embu das Artes, São Lourenço da Serra, Itapeverica da Serra, Taboão da Serra, Itapevi, Vargem Grande Paulista e Jandira.

Nº DE VOLUNTÁRIOS: 125

Mooca, São Paulo, SP

INAUGURAÇÃO: 1972

ATENDIMENTOS: são recebidos apenas pacientes de até 18 anos com plano de atendimento terapêutico semanal. Depois da alta, o acompanhamento é feito na Unidade Ibirapuera.

Nº DE VOLUNTÁRIOS: 63

Lar Escola São Francisco, São Paulo, SP

INAUGURAÇÃO: 2012

ATENDIMENTOS: a Unidade Lar Escola São Francisco abriga os programas de inclusão social da instituição, como a AACD Esportes, além da realização de pesquisas clínicas.

Nº DE VOLUNTÁRIOS: 76

Mogi das Cruzes, SP

INAUGURAÇÃO: 2011

ATENDIMENTOS: mantém parceria com o Consórcio de Desenvolvimento dos Municípios do Alto Tietê (Condemat), atendendo pacientes das cidades paulistas como Arujá, Biritiba Mirim, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Salesópolis, Guararema, Santa Isabel, Itaquaquecetuba e Suzano.

Nº DE VOLUNTÁRIOS: 26

Uberlândia, MG

INAUGURAÇÃO: 2001

ATENDIMENTOS: recebe pacientes de 40 municípios das regiões do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba.

Nº DE VOLUNTÁRIOS: 87

Porto Alegre, RS

INAUGURAÇÃO: 2000

ATENDIMENTOS: cuida dos pacientes de 39 municípios da 1ª e 2ª Coordenadorias Regionais de Saúde do Rio Grande do Sul. A Oficina Ortopédica da unidade é a maior do Estado.

Nº DE VOLUNTÁRIOS: 72

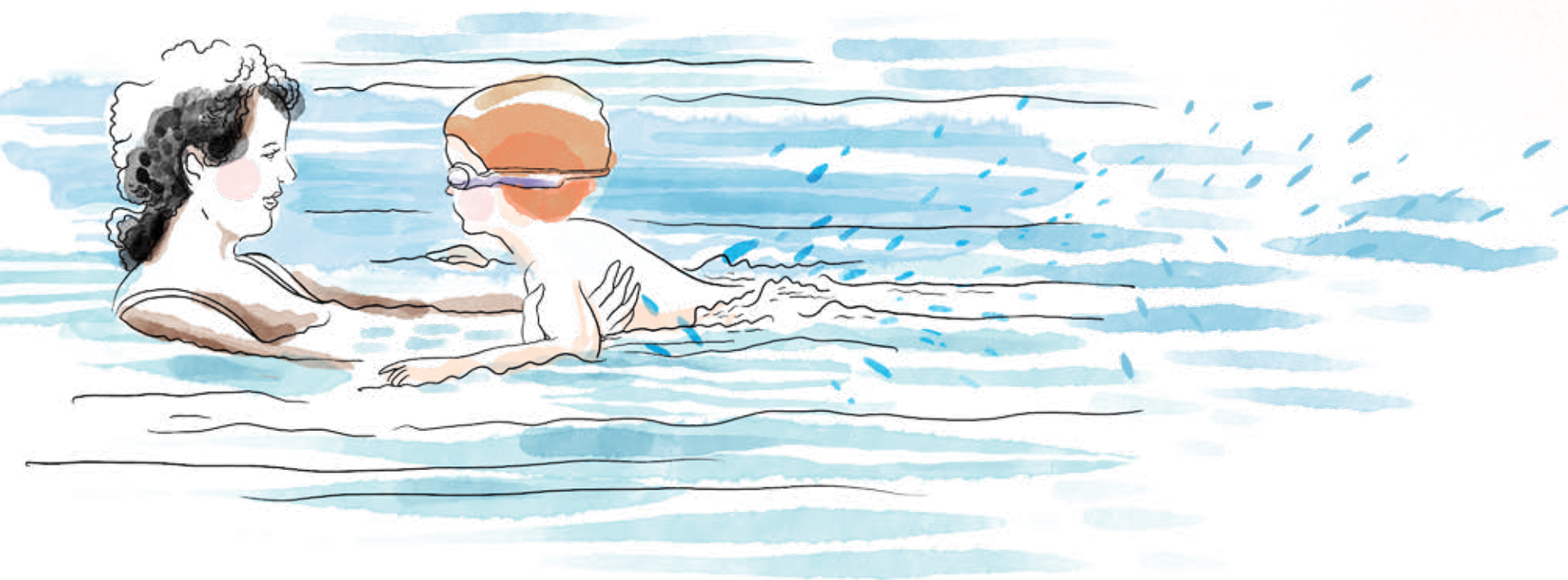
Recife, PE

INAUGURAÇÃO: 1999

ATENDIMENTOS: recebe pacientes das regiões Norte e Nordeste do Brasil e é a segunda maior em volume de atendimentos de toda a AACD.

Nº DE VOLUNTÁRIOS: 235

O voluntariado



Voluntariado: um vínculo de carinho, dedicação e altruísmo



“O importante não é o que se dá, mas o amor com que se dá”. A frase de Madre Teresa de Calcutá revela o sentimento de pessoas que decidem dedicar um pouco do seu tempo a se doar.

Os voluntários fazem as pequenas coisas terem valor. Tarefas que podem parecer minúsculas na verdade têm o efeito oposto. Os voluntários ajudam a melhorar áreas ao redor do mundo executando toda e qualquer tarefa, desde receber pacientes e familiares até limpar um brinquedo ou atender o telefone. A nobreza dos voluntários é reconhecer que nenhum tipo de tarefa é pequena ou insignificante.

Cada voluntário é uma pequena peça do quebra-cabeça que tem como propósito fazer mudanças e criar oportunidades. Pessoas em todos os continentes se engajam em ações de voluntariado por várias razões: ajudar na reabilitação, eliminar a pobreza, garantir educação básica e saúde, combater a fome e a exclusão social. Conhecer novas realidades, ter experiências de vida, contribuir para a transformação social e o bem-estar do próximo e, ainda, somar capacidades que farão a diferença na sua vida profissional — o trabalho voluntário agrega tudo isso à sua formação.

O voluntariado, para a ONU (Organização das Nações Unidas), é uma expressão básica das relações humanas. É uma maneira de fazer as pessoas participarem das suas sociedades e sentirem que elas são importantes para os outros. Uma sociedade saudável é aquela na qual cidadãos ajudam outros cidadãos que necessitam. E é para a formação dessa sociedade que a AACD vem trabalhando ao longo dos seus 70 anos.

O verdadeiro espírito do voluntário da AACD

Eles distribuem sorrisos, bom humor, carinho e eficiência. Aprendem a reconhecer e validar os sentimentos de um paciente, a ter compaixão e a ser um ouvinte melhor. Uma verdadeira conexão humana. Hoje, a AACD conta com cerca de 1.200 voluntários, presentes na maioria das áreas. São pessoas que doam tempo e se dedicam a criar um ambiente de acolhimento e de cumplicidade com o paciente e seus familiares.

Cada vez mais, o trabalho voluntário tem relevância na sociedade. O voluntariado é globalmente reconhecido como uma das iniciativas mais marcantes da contemporaneidade. Essa atividade é tão importante que existe

Voluntário de todas as manhãs, Francisco Paneque recebe pacientes como Larissa Álvaro na recepção da AACD do Ibirapuera.

mais de uma data para celebrá-la. Dia 28 de agosto é o Dia Nacional do Voluntariado e no dia 5 de dezembro comemora-se o Dia Internacional do Voluntariado. Na AACD, as duas datas são celebradas, afinal é um orgulho praticar o bem. Como tradição, desde a época do fundador da instituição, Dr. Renato da Costa Bomfim, o Dia Nacional do Voluntariado é festejado com hasteamento das bandeiras do Brasil, do Estado e do voluntariado da AACD, e funcionários e voluntários cantam o hino nacional.

Abaixo, Dia Nacional do Voluntariado (28/8) e (à dir.) Dia Internacional do Voluntariado (5/12). Na AACD, as duas datas são celebradas.



“Quando entram na AACD pela primeira vez, pacientes e acompanhantes chegam assustados e deprimidos, sem saber o que vão encontrar. O meu papel é colocar um sorriso no rosto dessas pessoas e acompanhá-las às consultas, exames ou terapias, sempre com uma palavra de carinho e otimismo. Eu achava que ser voluntária era dar amor. Na verdade, eu recebo muito mais do que dou. Não tem preço a gratidão de um paciente por receber simplesmente um ‘bom dia’. Quem faz parte da família AACD aprende a ter força de vontade, fé em Deus, esperança por dias melhores e a agradecer por estar vivo. Não sei como consegui viver tanto tempo sem ser voluntária.”

Rosângela Benetton Grimaldi, 59 anos, secretária, voluntária na AACD, no setor de boas-vindas (recepção), na Unidade Ibirapuera desde 2018.



“Eu nunca fui uma pessoa altruísta. Sou consultor financeiro e sempre visava lucros. Um dia, uma senhora humilde me pediu orientação no metrô. Respondi rispidamente. Ela pegou na minha mão e pediu ajuda com lágrimas nos olhos. Concordei em levá-la até a estação e, no fim, a acompanhei até o seu compromisso, uma consulta médica agendada há meses. ‘Você foi um anjo que caiu do céu hoje!’, disse-me Dona Antônia. Ela tinha 80 anos e me deu o abraço mais apertado e sincero que já recebi na vida. Desde então, procurei cada vez mais ajudar quem precisa. Eu me inscrevi no programa de voluntariado da AACD, contei minha experiência com a Dona Antônia e a entrevistadora disse que era de gente como eu que a AACD precisava. Hoje, ser voluntário é parte de quem eu sou. A AACD nos trata como uma força de trabalho efetiva. Além de nos valorizar, esse olhar consegue extrair o melhor de todos. Ser voluntário é uma forma de amar, de ser religioso independentemente de sua religião e de praticar a gratidão contra as injustiças da vida. Não ficar de braços cruzados perante quem necessita de ajuda é até um ato de rebeldia.”

André Garcia Martins, 36 anos, empresário, voluntário da AACD Ibirapuera desde 2019.



Uma história de amor e dedicação

Os próprios médicos fundadores da AACD eram voluntários, como o Dr. Renato da Costa Bomfim, ortopedista; o Dr. Octavio Lemmi, neurologista; o Dr. Armando Novais Caiuby, psiquiatra; o Dr. Sylvio Ribeiro, pediatra; e o Dr. Armando do Gallo, oftalmologista.

Logo no início da AACD, o Dr. Bomfim percebeu a importância do voluntariado que, além do apoio ao trabalho médico, sempre agregou legitimidade à instituição e afeto aos pacientes. A estima do fundador fazia-se valer com atenção especial, proteção e dois carinhosos apelidos: “vanguarda de choque da AACD” e “brigada ligeira”. Dessas equipes faziam parte freiras, pessoas da comunidade e as senhoras do Conselho Administrativo da Associação, que colaboraram na criação do Centro de Reabilitação.

“Medicina social”, esse era o nome dado pelo Dr. Bomfim ao ato de reabilitar as pessoas para a vida e para o mundo do trabalho. Foi com essa vocação que a AACD nasceu. A de abrigar quem, mesmo após o tratamento hospitalar nas clínicas especializadas, continua portando deficiências físicas graves. Ou mesmo quem, usando aparelhos ortopédicos, locomove-se com grande dificuldade.

Na “medicina social” do Dr. Renato, o paciente sempre foi encarado sob o ponto de vista global. Embora tratando os aspectos morfológicos-funcionais, a instituição não se esquece de que está lidando com seres humanos sensíveis, muitas vezes portadores inclusive de danos psicológicos, em função da resistência familiar e social. Na AACD, médicos, terapeutas, psicólogos, professores, fisioterapeutas e voluntários, todos atuam ao mesmo tempo e para o bem do paciente.

No princípio, as voluntárias e assistentes sociais incumbiam-se de selecionar quem iria se beneficiar gratuitamente dos serviços da AACD e quem deveria pagar. Apesar dos problemas físicos não privilegiarem classes sociais, a maioria dos atendimentos era para os menos favorecidos. Muitas voluntárias conheciam as particularidades de cada criança, bem como a de seus pais, chegando a visitar seus lares. Empréstavam cadeiras de rodas, promoviam eventos culturais e de lazer e até ajudavam financeiramente os mais necessitados.

O Serviço de Voluntariado organizado e sistemático surgiu em 1952, sendo então totalmente formado por mulheres: Lúcia Christino, Yolanda Giglio, Olinda Serpa, Beatriz Pinto Souza, Odete Voto e Dorothy O'Brien. Com o passar dos anos, dezenas de outras mulheres foram incorporadas. Eram elas que recebiam pessoas com deficiência — quando não iam buscá-las em suas casas —, atuavam no corpo a corpo com possíveis doadores, ou ainda faziam campanhas para arrecadar fundos, como o passar do chapéu em pleno estádio do Pacaembu em dia de jogo clássico de futebol.

“O voluntariado é uma das formas mais perfeitas de permuta. O voluntário doa tempo, dedicação, respeito, amor e outros potenciais, e quem recebe transforma essa contribuição em serviços de qualidade. Essa é uma das principais forças motrizes da AACD, que, somadas a tantas outras competências, nos permite entregar sempre mais aos nossos atendidos e à comunidade.”

Flavio Lino, Conselho Consultivo Regional Uberlândia, na AACD desde 2017.



Dr. Renato Bomfim (ao centro) e os colegas da Santa Casa de Misericórdia, que apoiaram a fundação da AACD.



Voluntárias
na Feira da
Oportunidade:
motivação
à toda prova.

O que leva uma pessoa a se tornar voluntária

Motivação: é isso que impulsiona as pessoas a agir para atingirem seus objetivos. No caso do voluntariado, desde os seus primórdios, a motivação pode acontecer de duas formas: por amor à causa ou pela dor. O que importa é tocar o coração e resvalar na alma.

Pelo amor, esse impulso ocorre quando se admira uma instituição, quando se conhece alguém que fez um tratamento, que trabalha no lugar onde se deseja voluntariar ou simples e nobremente pelo amor à causa. O segundo motivo, mais delicado, é pela dor. Existem pessoas que vivem momentos de tristeza após perdas ou traumas. Nesses casos, o fato de ajudar o próximo, de se sentir útil e produtivo, pode aliviar a dor.



Ana Maria
Domeneghetti e o
quadro a ser leiloado
em chá beneficente
no Terraço Itália,
em 1993.

Batismo de voluntário

A ex-presidente do voluntariado Ana Maria Domeneghetti costumava dizer ao seu corpo de voluntárias: “Um dia você vai ser batizada no voluntariado. E, nesse dia, saberá se vai embora ou se nunca mais vai deixar a AACD”.

Esse foi o caso de Bernadete Palma Marques da Silva que, no período em que trabalhou na recepção da fisioterapia aquática, acompanhava de longe um paciente chamado Danilo. Ele havia sofrido um acidente de carro. Tinha perdido a mãe, o pai, a irmã, os braços e as pernas. E foi morar com a avó materna, que o levava para a AACD para fazer tratamento. Cada vez que o Danilo passava pela recepção, Bernadete conta que saía para chorar. Não aguentava ver o menino e saber de todo o sofrimento pelo qual ele havia passado. Um certo dia, nos seus afazeres da recepção, começou a ouvir uma gritaria vinda da piscina. E sabia que Danilo estava lá. A voluntária conta que seu coração disparou forte de agonia e aflição e foi logo ver o que estava se passando. Gratíssima surpresa. A gritaria era de alegria, pois Danilo havia experimentado as próteses e dado os primeiros passos, apoiado nas barras laterais. Que emoção. A possibilidade de acompanhar um menino que chegou tão frágil, debilitado, e constatar que havia reabilitação para ele foi emocionante. Bernadete sabia que Danilo continuaria sendo uma pessoa com deficiência por toda a vida, mas o fato de ele conseguir dar um passo em direção à qualidade de vida é o que todos — médicos, funcionários e voluntários — almejam. Naquele momento, Bernadete soube que tinha sido batizada e disse para si mesma: “Nunca mais quero sair daqui”.



Pin, o reconhecimento pela dedicação dos voluntários

Para ser voluntário não há nenhum requisito. Toda forma de dedicação e doação de tempo, de conhecimento e de habilidades que tenha o objetivo de promover um bem social é considerada uma atividade voluntária e deve ser muito reconhecida e honrada.

Perseverar e vencer a prova do tempo, esse é o desafio de todo voluntário. E, para motivá-los ainda mais, a AACD condecora o corpo de voluntários com medalhas, distintivos e broches sempre que eles cumprem 2, 3, 5, 10, 15, 20 e 25 anos de serviço.

Mais do que uma condecoração, o pin é um reconhecimento. Diferentemente das estrelas nas fardas militares, que se referem a patentes, os pins da AACD falam sobre anos de dedicação.

No Dia Internacional do Voluntariado, celebrado em 5 de dezembro, todo ano a AACD promove uma festa em homenagem ao seu corpo de voluntários. Na ocasião, a responsável pelo setor do voluntariado apresenta um relatório sobre a quantidade de horas trabalhadas pelo grupo naquele ano e a economia que a força de trabalho representou para a associação. Como reconhecimento pela dedicação à AACD, os voluntários ganham pins.

“As colegas compartilhavam suas histórias e se emocionavam quando recebiam os pins. Era uma festa animada, com bolo e um lanche gostoso oferecido no refeitório. Em alguns anos, compareciam mais de 150 pessoas e a gente ia para um buffet, para caber todo mundo”, lembra Marilena Nascimento, ex-voluntária e fundadora do setor de Musicoterapia da associação.

Agradecer aos voluntários, motivá-los e valorizar os desafios de dedicarem tempo e esforço para ajudar o próximo e a sociedade é muito importante.



“O meu gerente na empresa onde eu trabalhava ficou paraplégico após sofrer um acidente. Acompanhei a evolução do seu tratamento na AACD e fiquei impressionada quando ele retornou ao trabalho. Ele era totalmente independente, mesmo sendo cadeirante. Sempre tive vontade de fazer trabalho voluntário e, por causa dessa história, decidi dedicar o meu tempo e meu amor à AACD. Cuido do Bazar, faço parte da equipe de artesanatos que são confeccionados para exposições e participo de eventos para angariar recursos. Para mim, voluntariar é lutar por um mundo melhor.”

Jussara Mateus, 60 anos, aposentada, voluntária em Poços de Caldas desde 2016.



“Tínhamos um paciente na fisioterapia infantil de 15 anos de idade, que foi atropelado por uma moto e perdeu fala e movimentos. Sofria e chorava muito nas terapias. Ao término de cada sessão, eu sempre enviava um beijo com a mão para ele. Com muita dificuldade, ele pediu para o pai me dizer: ‘Fale que eu ainda vou caminhar sozinho até ela e dar um beijo nela’. Um dia, no final da terapia, eu estava de costas limpando um tablado, quando me virei e o vi caminhando com muita dificuldade, de muletas, em minha direção. Ele veio até mim, me deu um beijo e disse: ‘Eu não falei que conseguiria?’. Nunca vou esquecer! Ele surpreendeu até a fisioterapeuta dele! Presenciar a conquista de um paciente e de seus pais é a maior alegria que eu já senti na vida.”

Elaine Cirstensiense, 58 anos, aeronauta, voluntária na AACD Ibirapuera desde 2012.

Ao lado, pins para voluntários que cumprem 2, 3, 5, 10, 15, 20 e 25 anos de serviço, como o que Tia Agnes recebe na foto abaixo, em 1992.

Áreas de atuação



ÁREAS DE ATUAÇÃO

O engajamento do voluntariado nas áreas de atuação da AACD

Em mais de 40 setores da instituição, espalhados pelas oito unidades em todo o Brasil, existe um voluntário pronto para doar seu tempo, carinho e dedicação.

Vivemos numa sociedade diversa e ainda marcada por profundas desigualdades. Mas cada indivíduo tem a chance de contribuir. Como? Uma das maneiras é por meio do voluntariado. Ele possibilita que os envolvidos transformem sua visão de mundo, participando do coletivo e sentindo-se importantes para os outros.

Uma sociedade saudável é aquela na qual cidadãos se engajam na transformação e na inclusão social de quem necessita de ajuda. Os desafios são muitos. E, ao se doarem ao voluntariado, os envolvidos têm a oportunidade de desenvolver habilidades que não imaginavam ter.

Num mundo marcado por relações monetizadas, trabalhar sem a intenção de receber remuneração é um gesto humanitário rumo a uma sociedade mais justa. É um trabalho que não impõe condições, por meio do qual certamente os dois lados ganham muito mais do que qualquer moeda.

Mudanças na área do voluntariado

O tom de amor ao próximo, solidariedade e doação sempre esteve presente na AACD, desde a sua fundação, quando as voluntárias eram freiras e senhoras da sociedade. Esse perfil — de mulheres voluntárias gerindo um grupo sem vínculo empregatício — perdurou por muito tempo. Todavia, com o passar do tempo, modificações ocorreram de gestão para gestão na AACD e, com a profissionalização de vários setores dentro da instituição, estabeleceu-se a necessidade de mudanças também na área do voluntariado.

A consultora Regina Camargo, vinda do mercado corporativo, ingressou na associação em meados de 2013 como voluntária numa das áreas de atuação, a Oficina Ortopédica. Sempre muito atuante e engajada na causa, foi procurar a direção do voluntariado e conheceu a então presidente Bernadete Marques da Silva — que, segundo Regina, é uma pessoa apaixonada pela AACD e com um preparo emocional muito grande. A partir desse encontro, Regina soube que a instituição havia passado recentemente por um processo de profissionalização de sua gestão.



Acima, a ex-presidente do voluntariado, Regina Camargo, responsável pelo mapeamento dos setores de atuação em 2014.

Ao lado, a piscina onde voluntários dão suporte aos profissionais da AACD para ajudar na reabilitação dos pacientes.



A convite de Bernadete, Regina mudou de função e passou a trabalhar para implementar as novas regras dentro do voluntariado. Com a saída de Bernadete, Regina Camargo foi empossada presidente do voluntariado em 2014, cargo que exerceu até 2016. Sua passagem foi marcada por uma gestão mais profissional, com mapeamento dos setores e entrega de resultados. A mudança foi benéfica também para uniformizar os tipos de atendimento, a rotina dos trabalhos e a descrição de atividades do corpo de voluntários.

Áreas de atuação do voluntariado

Hoje, nos mais diversos setores da AACD, espalhados pelas oito unidades em todo o Brasil, 1.200 voluntários doam seu tempo de várias maneiras e em diferentes tipos de ações: do apoio aos profissionais de reabilitação ao atendimento a pacientes e familiares, passando também pelas áreas de captação de recursos, apoio institucional e eventos.

Apoio aos profissionais da reabilitação

AMBULATÓRIO MÉDICO

Dão apoio na orientação e direcionamento dos pacientes para avaliação Inicial e Global e para as consultas. Instruem os pacientes sobre como pegar as senhas no totem e entregam as fichas aos médicos para a chamada dos pacientes;

ARTE-REABILITAÇÃO

Organizam e preparam materiais para os atendimentos, antes e depois das sessões;

AVALIAÇÃO GLOBAL

Organizam as salas e higienizam os materiais utilizados para o atendimento;

CENTRO DE DIAGNÓSTICO

Auxiliam os pacientes na recepção para retirarem a senha no totem e orientam o paciente para aguardar a abertura da ficha;

CENTRO DE TERAPIA

Dão apoio aos terapeutas nos atendimentos, auxiliando no que for necessário. Organizam e higienizam os brinquedos e demais materiais utilizados nos atendimentos;

CENTRO MÉDICO

Orientam e auxiliam os pacientes na recepção, tanto para retirar senha no totem como para aguardar a abertura da ficha;

CONSULTÓRIOS MÉDICOS

Mantêm os consultórios organizados; encaminham os pacientes da recepção para os consultórios e setor clínico; orientam sobre o processo de remarcação de consultas; acionam limpeza e manutenção quando necessário e auxiliam no transporte dos pacientes;



A voluntária Lys Ross (à esq.) na área de visitas monitoradas, na Unidade Ibirapuera, e o voluntário Setrak Larchikian (à dir.) no apoio à captação de recursos, na Unidade Osasco.

ESPORTES

Ajudam como staff do atleta e auxiliam na parte administrativa dos campeonatos e eventos.

- Capoeira: os voluntários dão apoio na movimentação das cadeiras de rodas dos pacientes, tocam todos os instrumentos, cantam e ajudam na coordenação das palmas para acompanhar as músicas;
- Natação: os voluntários entram na água dando suporte ao profissional da AACD para ajudar o paciente;
- Tênis de mesa: os voluntários auxiliam pegando as bolinhas e ajudando os pacientes a se locomoverem;
- Bocha: pegam as bolinhas que caem e movimentam a cadeira de rodas quando o atleta solicita. O voluntário auxilia também na arbitragem e a cronometrar o tempo que cada pessoa leva para lançar a bola;

FISIOTERAPIA AQUÁTICA

Enquanto os terapeutas ficam dentro da piscina com o paciente, o voluntário permanece do lado de fora, auxiliando e providenciando o que for preciso. Higienizam o material que foi utilizado, orientam o paciente quanto aos horários de entrada e saída da piscina e entregam documentos entre os setores. Eles são a ponte de recados entre os terapeutas e a recepção;

FISIOTERAPIA

Higienizam os tablados e objetos e entregam documentos quando o terapeuta solicita. O voluntário é o apoio dos terapeutas durante os atendimentos, auxiliando e providenciando o que for necessário;

FONOAUDIOLOGIA

Dão suporte aos profissionais da área, higienizando os brinquedos e ajudando nas demais necessidades do setor;

LABORATÓRIO DE MARCHA

Digitam dados no computador e ajudam na preparação e higienização dos materiais relacionados aos exames;



MUSICOTERAPIA

Trabalham na limpeza, organização e preparação de materiais para os atendimentos, antes e depois das sessões;

ODONTOLOGIA

Dão apoio ao profissional e organizam o setor;

PSICOLOGIA

Ajudam em atividades administrativas, como coletar assinaturas e entregar documentos em outras áreas. Dão suporte na organização e higienização dos brinquedos e demais materiais utilizados nos atendimentos. Auxiliam também na elaboração de brinquedos lúdicos;

SALA DE GESSO

Colaboram com médicos, enfermeiros e demais profissionais. Recebem os pacientes e os acompanham até a sala do médico. Distribuem fichas de atendimento nos consultórios. Ajudam na entrega de documentos dos pacientes para a equipe administrativa, auxiliam os pacientes e familiares na locomoção e na localização para as demais áreas da instituição e apoiam os outros voluntários do setor no controle do Protocolo de Risco de Quedas;

SAME

Orientam e direcionam os pacientes para avaliação Inicial e Global. Auxiliam na separação de solicitações de agendamento por especialidade, na retirada de senha e na orientação aos pacientes;

TERAPIA OCUPACIONAL

Dão suporte aos profissionais durante o atendimento, organizando e higienizando os materiais utilizados nas terapias.

Apoio aos pacientes e familiares

ACOLHIMENTO HOSPITALAR

Recebem os pacientes e acompanhantes e ajudam a dar informações ao público;

Acima, da esq. para a dir., os voluntários da Unidade Ibirapuera nas respectivas áreas de atuação: Marília Latorre (avaliação global adulto e infantil), Mirian Medrano (centro médico), Regina Célia Neves (sala de gesso), Karoline Pedace (fisioterapia aquática), Guilherme Guimarães (farmácia) e Doralice Vante (arte-reabilitação).

APOIO À INTERNAÇÃO

Orientam e auxiliam os pacientes na recepção, direcionam o paciente para a triagem médica e auxiliam na montagem dos kits administrativos, prontuários e acompanhamento aos exames de PCR;

ENTRETENIMENTO INFANTIL (BRINQUEDOTECA)

Organizam o espaço disponível para a realização das atividades de entretenimento e higienizam e verificam o funcionamento dos brinquedos. Realizam atividades lúdicas, contando histórias aos pacientes que aguardam pelos atendimentos;

ESPIRITUALIDADE

Dão apoio, conforto e acolhimento aos funcionários, voluntários e pacientes. Recebem os pedidos de orações feitos durante o encontro virtual para reflexão. Fazem visitas todas às quintas-feiras aos leitos dos pacientes internados;

RECEPÇÃO/BOAS VINDAS

Inspecionam e se certificam de que os ambientes e materiais — carrinhos, cadeiras e macas — estejam limpos e em bom estado para uso, garantindo assim o conforto de pacientes e cuidadores. Orientam os pacientes sobre o local da consulta ou terapia. Aferem a temperatura dos pacientes, acompanhantes e funcionários ao ingressarem na AACD, questionando-os sobre as condições de saúde e orientando-os sobre os procedimentos e protocolos adotados pela instituição;

SALA DE CONVIVÊNCIA PARA AS MÃES

Os voluntários são responsáveis por abrir e fechar a sala, baixar as persianas, desligar as luzes, televisão e ar condicionado, orientar os usuários, recolher as cadeiras e providenciar para que a sala e os banheiros fiquem limpos e arrumados para o dia seguinte;

TERAPIAS INTEGRATIVAS

Dão apoio aos funcionários e voluntários através das terapias integrativas como Reiki e Meditação.

Apoio institucional

APOIO ADMINISTRATIVO

Organizam arquivos, fazem atendimento telefônico e preenchimento de planilhas;

ESCOLAR (SALA DE AULA)

Apoiam os professores, auxiliando no que for necessário;

FARMÁCIA

Apoiam o setor na entrega e devolução dos medicamentos junto ao posto de enfermagem dentro do hospital;

OUVIDORIA

Mantêm permanente contato com todo o público envolvido nas atividades da AACD e identificam situações que requeiram as devidas e possíveis soluções;

SAU (SISTEMA ATENDIMENTO UNIFICADO)

Ajudam os pacientes nos agendamentos, confirmações e remarcações de consultas;

VISITAS MONITORADAS

Os voluntários apresentam a instituição aos visitantes.

Apoio na captação de recursos

ARTES E ARTESANATO

Confeccionam peças de artesanato para venda no Bazar e fazem a decoração nos eventos das unidades;

BAZAR

Ajudam na reposição, organização e distribuição das mercadorias do Bazar. Auxiliam na organização das filas, dão suporte e atendimento aos clientes e fazem aferição da temperatura;

CORRENTE DO BEM

Auxiliam na distribuição e coleta dos cofrinhos e nas palestras nas escolas;

DOAÇÕES E COLETAS

São suporte aos profissionais com indicações de possíveis doações de produtos e serviços, além de apoio na retirada;

ESTOQUE DO BAZAR

Fazem a triagem, organizam as doações recebidas, precificam as mercadorias e consertam as peças;

EVENTOS (PONTUAIS)

Auxiliam a organizar o evento proposto;

NOTA FISCAL PAULISTA

Separam e digitam as Notas Fiscais Paulistas.



Voluntários nas áreas de atuação em várias unidades da AACD: Maria Josete Santos (entretenimento infantil), Osasco; João Palvo (SAU); Adriana Simões (centro de diagnóstico) e Luciano Rosso (ambulatório médico), Ibirapuera.



“Todos da minha família sabem que, às quartas-feiras, a AACD é a minha prioridade. Sou voluntária na fisioterapia infantil, o lugar mais lindo do mundo. Minha obrigação é higienizar materiais e aparelhos e auxiliar as terapeutas no que elas precisarem. No começo, foi meio chocante ver pessoas com problemas tão sérios, mas também funcionou como terapia para mim. Acompanhar a evolução dos pacientes é maravilhoso. Muitas vezes me emocionei, como quando uma criança trouxe um desenho que fez para mim ou quando outra me chamou para pedir um brinquedo, mesmo sem falar praticamente nada. Não tem como não amar o que eu faço.”

Mauro Cavalari, 51 anos, aposentado, voluntário da AACD Ibirapuera desde 2018.



“Na cerimônia de inauguração da AACD em Mogi das Cruzes, em 2011, fui convidada por Luiz Eduardo Reis de Magalhães para ser voluntária. Fiquei sensibilizada com o chamado e, motivada como cidadã, vi ali uma possibilidade de contribuir para a divulgação da causa da AACD. Como conselheira voluntária, passei a interagir com os veículos em todas as ações locais que entravam no calendário da unidade. Trago também com muito orgulho o sentimento de pertencimento, que aconteceu quando recebi o crachá da associação. Ainda fico emocionada só de pensar!”

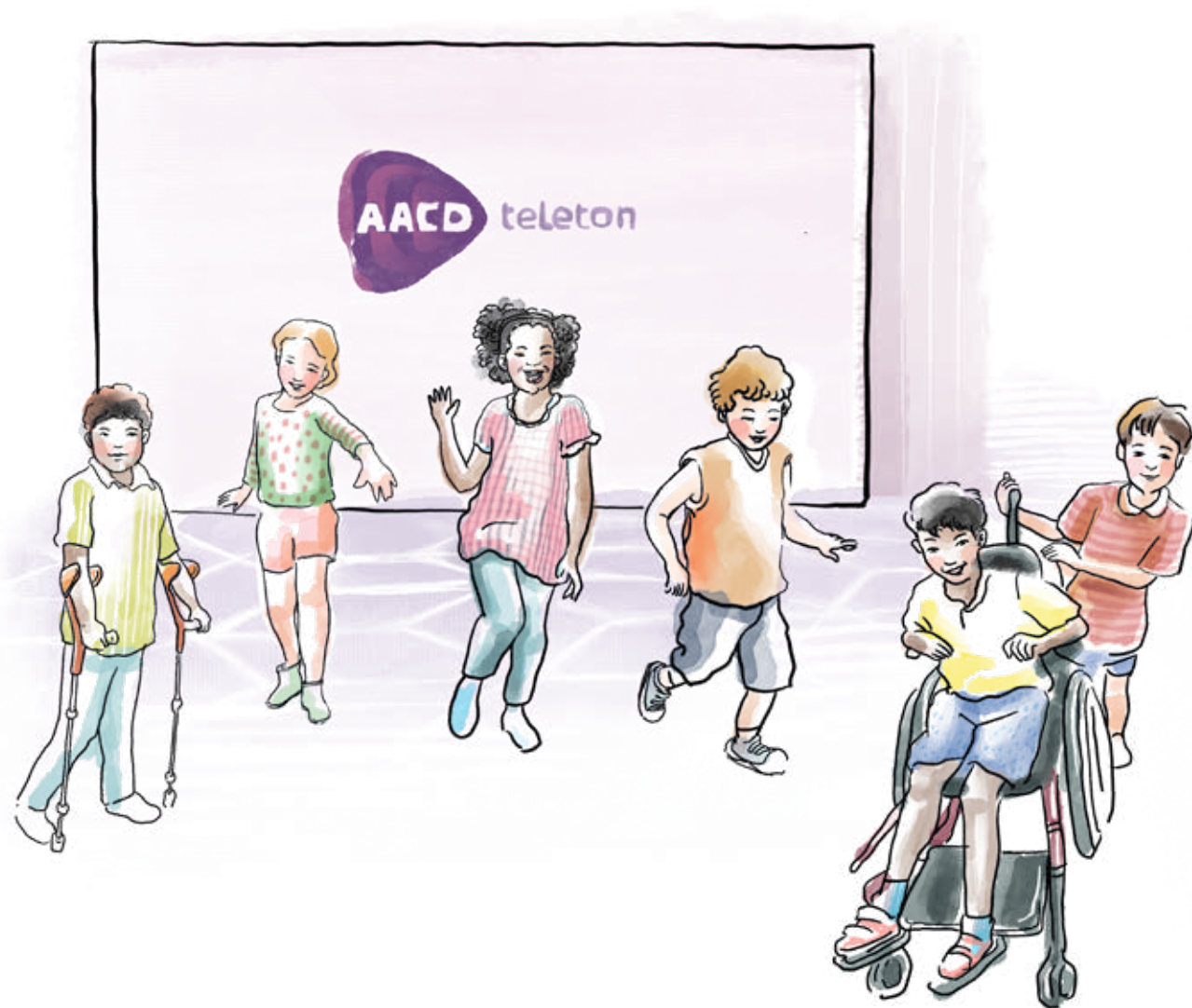
Maria Teresa Borges Pereira e Silva Arbulu, 63, publicitária, voluntária da AACD Mogi das Cruzes desde 2011.



“Trabalho de forma voluntária por acreditar num propósito, o da generosidade. Ao transmitir esperança e amor, sinto que estou conseguindo fazer a diferença na vida de quem mais precisa. Sou muito grata por tudo que aprendi e aprendo até hoje nessa jornada dentro da AACD.”

Cida Melo, associada da AACD de Recife desde 2002.

As décadas da AACD



A força do trabalho voluntário nos “anos dourados”



A década de 1950 no Brasil foi marcada por revoluções tecnológicas, na comunicação e na saúde, com o primeiro transplante de córnea, a descoberta da vacina da poliomielite e a fundação da AACD.

Ações solidárias partem de algum sentimento que traz estímulo ou motivação para ajudar o próximo sem esperar nada em troca, a não ser a melhoria na qualidade de vida das pessoas que serão beneficiadas por elas. Mas essas ações surpreendem quem as pratica, pois a grande recompensa que geram é a capacidade de transformação e desenvolvimento pessoal. Quando realizado com qualidade, esforço e lealdade, o voluntariado transforma o indivíduo num cidadão mais consciente das diversidades, limitações e necessidades da sua sociedade.

O começo do voluntariado no Brasil

O trabalho voluntário começou a surgir em nosso país a partir do século XVI, na década de 1540, com as Santas Casas de Misericórdia, que prestavam relevantes serviços de saúde à população carente. Nos séculos seguintes, grande parte das entidades filantrópicas criadas também era ligada à Igreja Católica. O conceito e a prática de solidariedade sempre estiveram muito atrelados à questão da religiosidade, uma vez que uma das mais nobres ações empreendidas pelos religiosos está em praticar o bem e em servir ao próximo.

Já no século XIX, o trabalho voluntário teve forte associação à filantropia, com famílias tradicionais e mais ricas que compartilhavam os seus excedentes com as pessoas mais humildes. Mas o trabalho voluntário começou mesmo a ganhar corpo no Brasil no início do século XX, por conta das epidemias e doenças que acometiam a população mais carente.

Em 1908, criou-se a Fundação Cruz Vermelha Brasileira, com o sanitário Oswaldo Cruz como presidente. O comitê “Damas da Cruz Vermelha Brasileira”, constituído por um grupo de senhoras da sociedade carioca, deu origem à Seção Feminina, que teria como primeira tarefa a formação do corpo de enfermeiras voluntárias.

Na década de 1930, o empresário Victor Simonsen fundou o Pavilhão Fernandinho Simonsen, o primeiro centro especializado em tratamento de pacientes com paralisia infantil e outras deficiências físicas. Eles realizavam cirurgias e fabricavam aparelhos ortopédicos.

A primeira sede da AACD, na rua Barão de Piracicaba, 679.



À esq., Pavilhão Fernandinho Simonsen, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. À dir., Dr. Renato da Costa Bomfim, fundador da AACD.



A partir dos anos 1940, surgiram três instituições com inspiração religiosa e assistencialista: o Lar Escola São Francisco, que atendia principalmente crianças com deficiência no aparelho locomotor; a Associação Cruz Verde, para crianças carentes com paralisia cerebral irrecuperável; e a Casas André Luiz, no Centro Espírita Nosso Lar, focada na deficiência mental infantil.

Mas faltava uma instituição que completasse o tratamento do portador de deficiência física, reabilitando-o para o convívio social. Mais do que isso, faltava ao Brasil um projeto com profundo alcance social e que só seria possível, dada a situação econômica do país, com a ajuda da iniciativa privada e um corpo de voluntários engajados na causa.

Nasce a AACD e o voluntariado atuante no Brasil

Nos anos de 1950, o médico ortopedista Dr. Renato da Costa Bomfim ficou extremamente impressionado pelas sequelas motoras apresentadas por crianças afetadas pela poliomielite. Viajou para os Estados Unidos, a fim de acompanhar o tratamento oferecido às vítimas da doença, e encontrou Centros de Reabilitação e equipamentos ortopédicos modernos, além de protocolos diferenciados. Mas o que mais chamou a atenção do médico foi a forma como as pessoas com deficiência eram tratadas: com respeito e dignidade.

De volta ao Brasil, o médico começou a discutir com seus colegas de profissão sobre o sonho de uni-los num projeto de alcance social. Mais ainda, o Dr. Bomfim queria trazer para a causa, de modo voluntário, não só profissionais qualificados, mas também a iniciativa privada e a ajuda governamental.

Com a facilidade de acesso aos médicos da Santa Casa e do Hospital Samaritano, bem como com suas boas relações com a sociedade paulistana e o desejo de trazer melhorias às pessoas com deficiência física, o Dr. Renato fundou a Associação de Assistência à Criança Defeituosa em 3 de agosto de 1950. Nascia então um novo modelo de assistência em Ortopedia e Reabilitação, com a mesma qualidade dos centros dos EUA, focado no tratamento e na inclusão social de crianças e adolescentes com deficiência física.

O voluntariado na arrecadação de doações

Conseguir dinheiro para manter o elevado padrão dos serviços oferecidos gratuitamente às crianças portadoras de deficiência física foi desde sempre um desafio. O valor recolhido pelos primeiros sócios mantenedores — cerca de 170 membros, no ano de 1950 — mostrava-se insuficiente. Mas acreditava-se que, à medida que a instituição fosse divulgando seus primeiros passos no sentido da reabilitação, isso tenderia a mudar, já que a sociedade conheceria o resultado concreto de suas ações. Aos poucos, as pessoas veriam a AACD como indispensável, passando a contribuir mais.

Freiras e representantes da sociedade começaram a organizar almoços, chás da tarde e pequenos eventos beneficentes para arrecadação de doações. As contribuições, não só em dinheiro, mas também em eletrodomésticos e outros objetos usados, começaram a aumentar. Empresas e instituições também começaram a ajudar, como o Jockey Club de São Paulo, que passou a promover corridas noturnas cuja renda era parcialmente doada à AACD.



Em 1952, foi realizada a Campanha para Arregimentação de Associados, com o apoio do governador do Estado, Lucas Nogueira Garcez, e do cardiologista Jairo Ramos, professor da Escola Paulista de Medicina. As Rádios Record e Cultura participaram, divulgando e contribuindo. Logo foram organizadas campanhas de arrecadação de fundos em parceria com instituições assemelhadas, tais como o Lar Escola São Francisco e a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), do Rio de Janeiro. A agência de propaganda J. Walter Thompson ofereceu-se para imprimir gratuitamente os folhetos de divulgação da campanha.

Em maio de 1953, o número de sócios pagantes subiu para 1.500. Nesse mesmo ano, houve uma grande arrecadação de fundos para todas as entidades de assistência do país, incluindo a AACD, sob direção do Dr. Kaissar Kaissab. E ações pontuais, como a do Dr. Armando Gallo, que percorreu os colégios da cidade oferecendo os serviços de um fotógrafo contratado. A ideia era vender fotos das festas de formatura dos estudantes, com o lucro revertido à entidade. Vendiam-se também bandeirinhas e insígnias da AACD nas cadeiras numeradas e sociais em dias de jogos no Estádio do Pacaembu.

A AACD foi então consolidando-se, tornando-se conhecida, como previra anteriormente o Dr. Bomfim. Conforme expandia suas atividades, mais pessoas ficavam sabendo da sua existência, não só na capital, mas também no interior e nos outros Estados. Isso fez com que a demanda não parasse de aumentar, provocando uma longa fila de espera. Para diminuí-la, chegou-se à conclusão de que a AACD deveria levantar fundos de maneira mais organizada e ativa.

A participação ativa do voluntariado na organização da Parada do Lírio, no centro de São Paulo.

Parada do Lírio

Era o ano de 1957, data da primeira “Campanha Pró-Criança Defeituosa”. Novamente o Dr. Renato inspirou-se no exemplo norte-americano, onde havia uma “March of Dimes” (Marcha dos Centavos), e criou a “Parada do Lírio”. Tendo à frente a Banda dos Fuzileiros Navais, as voluntárias saíam às ruas com lençóis de casal estendidos como se fossem tapetes, sobre os quais as pessoas jogavam moedas. Empunhavam bandeiras com o lírio estampado, símbolo internacional da reabilitação, e distribuíam milhares de “cartas-apelo”, além de folhetos com explicações sobre as atividades da entidade e os planos de expansão. A “Parada do Lírio” iria repetir-se, ampliada, nos anos seguintes.

Essa campanha marcou época, com ampla divulgação na imprensa escrita, radiofônica, televisiva e cinematográfica. O objetivo era que a arrecadação de fundos e a arregimentação de sócios realmente desse um salto qualitativo e ganhasse ares profissionais. Sob a orientação do Dr. Bomfim, adotou-se a estratégia de organizar múltiplas atividades, empolgando boa parte da cidade.

A primeira providência foi vincular conhecidos homens da sociedade paulista à primeira “Campanha Pró-Criança Defeituosa”, com a escolha de Eduardo Simonsen para presidente e José Maria Whitaker para presidente de honra. Daí em diante, o ritmo foi intenso: comissões femininas organizaram festivais e jogos beneficentes; artistas fizeram uma grande passeata; houve jogos no Ginásio do Ibirapuera e no Automóvel Clube; Odila Martins comandou um desfile de moda no Clube Escandinavo; o “Festival do Preto, Branco e Vermelho” foi promovido por Bia Coutinho na Boate Oásis; Maya Lara Campos e Carmen Alves de Lima organizaram um jantar na Sociedade Hípica Paulista; ocorreu um show no Hospital Samaritano; uma gincana foi promovida pela Kibon e pela Rádio Record, com a participação de centros acadêmicos de universidades e colégios... Ao final, foram arrecadados 13 milhões de cruzeiros e arregimentaram-se 867 novos sócios-mantenedores. Parte do dinheiro foi enviado à Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, do Rio de Janeiro.

Logo no segundo ano de existência da então intitulada “Campanha do Lírio”, a publicidade foi vinculada a uma imagem forte: a criança-símbolo. Maria Regina Pereda, que sofria de paralisia infantil, foi a primeira eleita. Participou das recepções aos visitantes, esteve em cerimônias oficiais e posou com a seleção brasileira de futebol momentos antes do embarque para a Copa do Mundo de 1958 — dizem que ela deu sorte para a conquista do primeiro título brasileiro de campeão do mundo. Depois de Regina, outras meninas de até 10 anos de idade, vítimas de poliomielite, também participaram.

Ainda na década de 1950, as voluntárias receberam ajuda do Distrito Internacional das Bandeirantes, que resultou na Companhia Bartolomeu Bueno, formada só por crianças portadoras de deficiência física, com sede na AACD.

“Não se trata de fazer caridade ou filantropia, é preciso encarar a causa da reabilitação como problema médico-social prioritário.”

Dr. Renato da Costa Bomfim

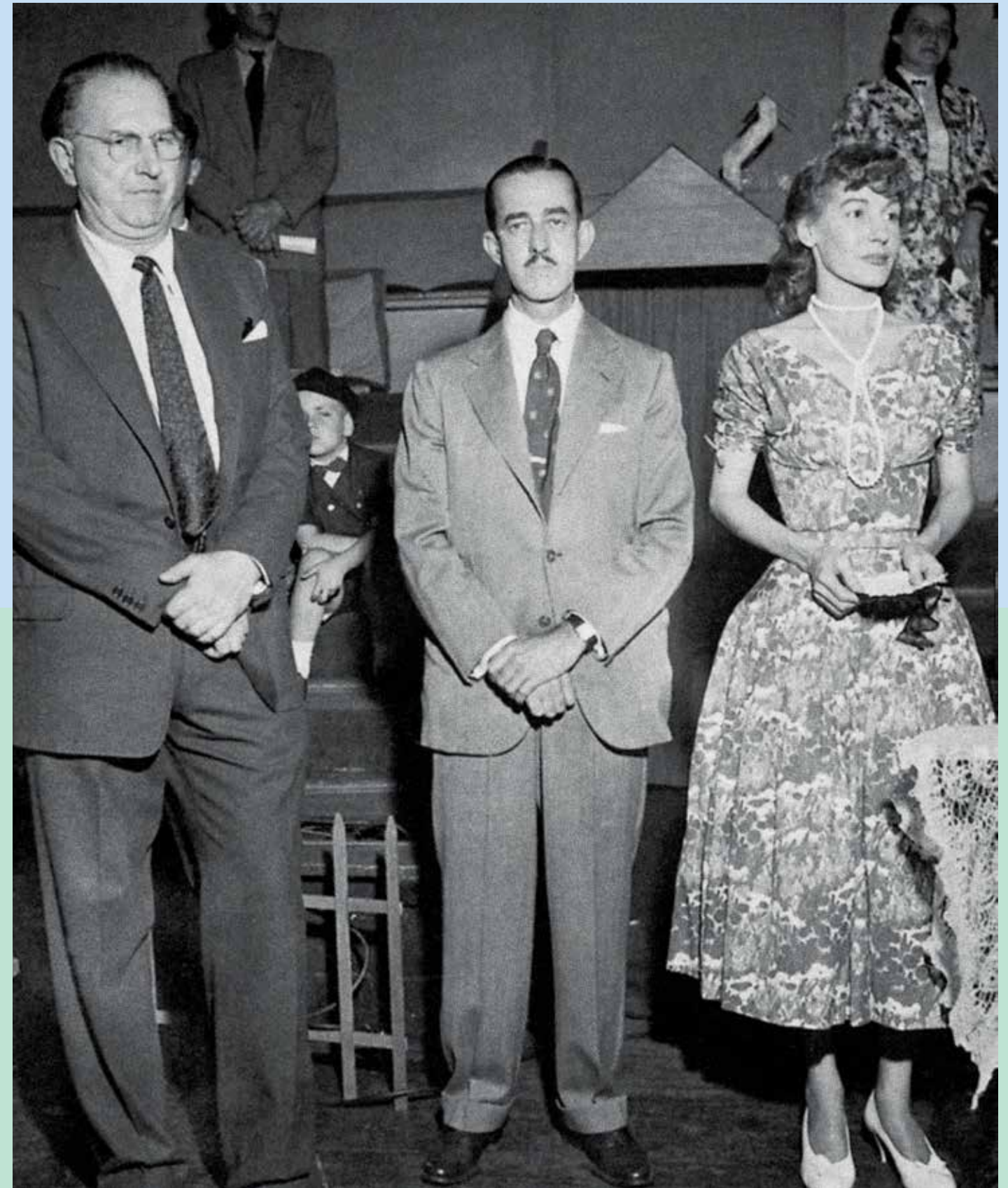
Louros ao voluntariado da AACD

Em 15 de maio de 1959, foi lida na tribuna da Câmara Municipal a seguinte homenagem: “Seja lançado em ata um voto de louvor e congratulações com o Serviço de Voluntárias da Associação de Assistência à Criança Defeituosa, constituído por um grupo abnegado de senhoras e senhoritas que presta sua solidariedade e cooperação nos vários setores mantidos pela AACD”.

O engajamento da classe artística no voluntariado da AACD

Em dezembro de 1951, no hall do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), no Bixiga, em São Paulo, uma árvore de Natal chamava a atenção. Parte do público, que chegava para assistir à peça em cartaz, estrelada por Cacilda Becker, depositava pacotes ao pé da árvore. Eram presentes para as crianças da AACD. Em 6 de janeiro daquele mesmo ano, a atriz havia organizado uma Festa de Dia de Reis, no pátio da Santa Casa, cuja renda reverteu-se à associação.

Cacilda também participou da Campanha Pró-Associação, que visava a adoção pela prefeitura de um terreno para a futura sede da AACD. Desde agosto de 1950, Cacilda havia tomado a iniciativa de promover bailes beneficentes, levando parte da classe teatral a se engajar na viabilização do sonho e dos esforços do Dr. Renato da Costa Bomfim e seus companheiros. Seu entusiasmo contagiou seus colegas de então, como os integrantes do TBC e do Teatro de Arena, entre eles Ziembinski, Walmor Chagas, Paulo Autran, Ruggero Jacobbi e Cleyde Yáconis. Cantores populares também apoiaram a nascente AACD. Por exemplo, em 1952, shows de Hebe Camargo e Sarita Campos tiveram a bilheteria revertida à associação. A partir desse início, a contribuição de artistas nos esforços de arrecadação de fundos passou a ser uma constante.



Dr. Bomfim entre os atores Ziembinski e Cacilda Becker, no hall do Teatro Brasileiro de Comédia.

Você
deve
uma
oportunidade
a esta
criança!



UM AUXÍLIO nas ruas, um leito de hospital, uma operação cirúrgica não bastam para resolver os problemas desta criança. Ela precisa de algo mais: de instrução, de transporte para os seus estudos, de uma educação adequada para a vida em comum na sociedade,

de uma assistência contínua e metódica que ajude o completo desenvolvimento de sua personalidade. Em suma, é preciso torná-la um membro cooperante e ativo no meio social! Esta Sociedade — e Você — lhe *deverem* esta oportunidade!

Como contribuir para a Recuperação da Criança Defeituosa. A Campanha Pró Criança Defeituosa é dirigida por eminentes médicos especialistas, educadores, industriais e comerciantes de grande prestígio em nosso país.

Esta campanha é promovida pela A. A. C. D. de São Paulo (considerada de utilidade pública — Lei n.º 2091 de 27/12/1952) em colaboração com a A. B. B. R. do Distrito Federal, nos moldes de campanhas semelhantes realizadas em vários países do mundo pela Associação Internacional para o Bem-Estar do Aleijado.

ENVIE sua contribuição à conta da "Campanha Pró Criança Defeituosa", aos cuidados da filial local de qualquer um dos seguintes bancos:

- Banco Mercantil de São Paulo S. A.
- Banco Nacional do Comércio de S. Paulo S. A.
- Banco Real do Canadá



Campanha Pró Criança Defeituosa

Associação de Assistência à Criança Defeituosa — Alameda B. de Piracicaba, 679 — Tel. 52-7108 — S. Paulo

Reproduzido de Seleções do Reader's Digest, edição de maio, 1957

“Eles passam uma coisa pra gente que não sei explicar. Eu só sei que saio daqui cansada mas de alma leve.”

Nízia Cêra,
Vice-Presidente do Voluntariado da AACD.



A advogada Sheila de Vita Arruda, 74 anos, recorda-se de quando foi tratada pelo Dr. Renato Bomfim na infância. Em 1948, com 1 ano e meio de idade, ela sofreu uma fratura na bacia após um tombo. O tratamento a deixou torta, pendendo para o lado esquerdo e, por isso, vivia caindo. Quando tinha cerca de 9 anos, foi levada pela mãe ao consultório do Dr. Bomfim, na Avenida Angélica. “Ele pediu que eu ficasse só de calcinha e andasse de costas. Foi quando percebeu que eu tinha escoliose, diagnóstico que o médico anterior não tinha feito”, lembra ela.

Por recomendação médica, começou a fazer fisioterapia uma vez por semana e a praticar natação. Sua mãe a acompanhava nas sessões com a fisioterapeuta — uma alemã brava, na memória da paciente — e anotava os exercícios em um caderno. Em casa, Sheila repetia a sequência sob a supervisão da mãe. Ela não sabe precisar quando, mas, em algum momento entre o fim dos anos 1950 e o começo de 1960, passou a ser tratada pelo Dr. Bomfim e pela profissional alemã na AACD. Em sua memória, a associação ocupava uma casa pequena e oferecia somente atividades de reabilitação, sem estrutura hospitalar.

“O Dr. Renato era um homem maravilhoso, delicado e educado. Eu acho que ele tinha um carinho especial pelas crianças. Era persuasivo e me convenceu de que eu precisava fazer exercícios todos os dias”, diz. Com o tratamento, a sua postura melhorou e o corpo se endireitou. Na adolescência, Sheila teve alta da fisioterapia e parou de frequentar a AACD.

Já adulta, sentiu o desejo de se ligar ao voluntariado na associação. “Tenho paixão pela AACD, porque praticamente me curei pelas mãos do Dr. Renato. Depois que comecei a trabalhar lá, a minha vida mudou de novo. Aprendi a ter empatia, a ser mais humana e, principalmente, a não reclamar dos problemas”, afirma ela.

Sheila de Vita Arruda, 74 anos, advogada, ex-paciente do Dr. Bomfim nos anos 1950 e voluntária da AACD desde 1998.

À esq., campanha de arrecadação da AACD e, à dir., a ex-paciente do Dr. Bomfim e voluntária, Sheila Arruda.

DÉCADA DE 1960

Empatia e compaixão, as ferramentas dos voluntários no apoio da reabilitação dos pacientes



Uma sociedade onde as pessoas desenvolvem atividades voluntárias em prol de uma causa comum contribui para a construção de um mundo igualitário. Com esse espírito, a AACD foi desenvolvendo a cultura do voluntariado em sua segunda década de vida.

Os anos 1960 para a AACD iniciam-se com a inauguração do Centro de Reabilitação e a participação ativa das freiras americanas Irmã Maria Edmunda e Irmã Miriam, que faziam parte do corpo de voluntárias e eram responsáveis pela disciplina dos internos, por parte das atividades sociais e pela supervisão da culinária.

Fase “damista” do voluntariado

O perfil de quem engajava-se no voluntariado era, em sua maioria, composto por mulheres que não exerciam atividades profissionais, como donas de casa e damas da sociedade. Por isso a designação da época era “damista”. Todas sempre muito bem-intencionadas, envolviam-se na causa por opção ou afinidade. Realizavam chás de senhoras, eventos de caridade e ajudavam a promover festas que, além de terem como finalidade a captação de recursos, serviam também aos pacientes como forma de lazer, integração e alegria.



As voluntárias da AACD atuavam também acompanhando os pacientes e familiares pelos vários setores: departamento de fisioterapia, salas de exame médico e avaliação, atividades básicas locomotoras, ginásio para atividades em grupo, tanques de Hubbard para a realização de exercícios, relaxamento muscular e alívio de quadros dolorosos, terapia ocupacional e atividades da vida diária (AVD), consultórios de fonoaudiologia, psicologia e setor médico, departamento escolar e setor de ensino profissionalizante e vocacional.

Aprendendo empatia e compaixão

As voluntárias da década de 1960, mesmo sem treinamento específico, foram aprendendo no dia a dia a reconhecer as necessidades dos pacientes. Essa conexão humana tornava a experiência dos assistidos mais agradável. E uma das melhores maneiras de mostrar aos pacientes e familiares que o voluntário se importava com eles era cumprimentar, orientar, oferecer assistência e ouvi-los.

À esq., piscina para os pacientes se exercitarem no novo Centro de Reabilitação da AACD. À dir., a freira americana Maria Edmunda, voluntária da instituição entre 1962 e 1972.



Em 1961, ao assumir a Presidência da República, Jânio Quadros respondeu à carta de saudações das voluntárias dizendo: “Fiquem tranquilas, minhas diletas meninas da AACD, que o meu governo não lhes faltará apoio”.

À esq. fachada da nova AACD, na Rua Ascendino Reis, em 1963, onde funciona até hoje a sede central.

A importância do uniforme

O uniforme possui um valor de ordem emocional e é também um fator de unidade entre os voluntários, pois todos ficam iguais, formando um grupo homogêneo, sem distinções, mas ao mesmo tempo diferenciado dos demais funcionários da instituição.

Em 1969, as voluntárias somavam 148 mulheres. Usavam uniforme azul, um vestido tipo “chemisier”, com o distintivo do lírio branco (símbolo internacional dos voluntários) para aquelas que possuíam mais de 150 horas de serviços prestados. O Dr. Bomfim as chamava carinhosamente de “meu exército azul e branco”.



Nesta pág., a criança símbolo da instituição e, ao lado, voluntária auxilia o paciente.



Parada do Lírio

Com exceção de 1969 e até 1975, a AACD organizou 17 edições das campanhas anuais de arrecadação. As Campanhas do Lírio contaram com várias personalidades que fizeram a história contemporânea de São Paulo e do Brasil nos campos político, econômico e artístico. Delas participaram figuras proeminentes como o empresário José Ermírio de Moraes Filho (presidente voluntário da Campanha de 1962), o então vice-governador do Estado de São Paulo Laudo Natel (presidente voluntário da Campanha de 1963), o banqueiro Amador Aguiar (presidente voluntário de honra também da Campanha de 1963) e o ex-governador Roberto Costa de Abreu Sodré (presidente voluntário da Campanha de 1975).



Artistas e cantores famosos associaram seu nome à causa

Faziam parte estrelas voluntárias como Elis Regina, Zimbo Trio, Cesar Camargo Mariano, Roberto Carlos, Erasmo Carlos e os Tremendões, Tônia Carrero, Maria Della Costa, Nydia Lícia e os pintores Candido Portinari, Lasar Segall, Clóvis Graciano, Aldemir Martins, Manabu Mabe, Carlos Scliar, Alfredo Volpi, Tarsila do Amaral, Flávio de Carvalho e Anita Malfatti, entre outros. Até os jogadores e as torcidas de Corinthians e Santos, num clássico jogado em 1965, reverteram a renda do evento para a AACD.

Uma das 17 edições da campanha anual de arrecadação, a Parada do Lírio, que contava com personalidades nos campos político, econômico e artístico.



Se a ONU anunciou que a poliomielite está próxima de ser totalmente erradicada do planeta, a humanidade deve esse feito ao microbiologista Albert Sabin.

Muito parceiro da AACD, Dr. Albert Sabin visitava a instituição sempre que vinha ao Brasil.



Filantropia, caridade e voluntariado

Praticar filantropia é uma questão de responsabilidade social que pode e deve ser encarada como solução para diversos problemas sociais enfrentados em nosso país. Além das entidades beneficentes e seus administradores e financiadores, existe o papel do voluntário, de suma importância para que essa “cadeia filantrópica” tenha sucesso.

Já a caridade tem origem cristã. Ela chegou ao Brasil por meio das irmandades católicas, e muitos a consideram a “mãe” das iniciativas de voluntariado. É exercida desde a Idade Média de forma institucional ou particular.

Por fim, o voluntariado é o ato de prestar um serviço desinteressado em favor de uma causa de forma espontânea. Trata-se de dedicar um tempo especificamente para ajudar uma organização, sua comunidade ou um indivíduo.

Reabilitar para a vida, objetivo da AACD nos anos 1960.

Ao lado, o paciente e depois voluntário Ronald Schaffer, que teve osteocondrite na infância, brinca com a professora em excursão ao CET.

De paciente a voluntário do Conselho de Administração

Aos 7 anos, Ronald Schaffer foi curado de osteocondrite pelas mãos dos médicos Renato Bomfim e Ivan Ferraretto. Quatro décadas mais tarde, ele retornaria à AACD como conselheiro.

Em 1967, Ronald Schaffer, então com 5 anos de idade, entrou na AACD como paciente. Ele havia sido diagnosticado com osteocondrite, uma inflamação que afeta ossos e cartilagens, causando desconforto e limitações nos movimentos. “Quando eu tentava ficar de pé, sentia muita dor, então parei de caminhar dos 3 aos 5 anos”, diz ele.

“Pouco se sabia sobre a doença na época e havia uma certa preocupação sobre o potencial de cura. Hoje eu tenho filhos e penso no sofrimento dos meus pais sobre as incertezas da minha mobilidade no futuro”, afirma. Seus pais, imigrantes alemães, procuraram o Dr. Renato Bomfim para avaliar o menino.

Schaffer passou a usar um aparelho ortopédico que amortecia o peso do corpo na perna esquerda, enquanto na direita calçava uma bota com um solado de cortiça de 10 a 15 centímetros de altura. “Mesmo com esse aparelho, eu me movimentava, rastejava, subia e descia escadas”, lembra.

Outra recordação é de quando recebeu alta do aparelho ortopédico, por volta dos 7 anos. “O Dr. Ivan Ferraretto falou para minha mãe que provavelmente

eu precisaria de muletas para reaprender a andar”, conta. “Eu disse para minha mãe, em alemão: ‘Eu não vou usar esses paus’. Ela, que me conhece bem, respondeu: ‘Está bem. Se você acha que consegue sem, tente sem’”, rememora. Schaffer conseguiu caminhar sem apoio. “Eu me curei pelas mãos do Dr. Renato da Costa Bomfim e do Dr. Ivan Ferraretto”, diz.



A volta à instituição

Como paciente, ele não precisou mais dos cuidados da AACD, mas continuou acompanhando a atividade da instituição à distância. Quarenta anos depois, recebeu um telefonema de Sidney Ito, sócio da KPMG, convidando-o para ser voluntário no Comitê de Auditoria e Riscos da AACD. “Aceitei com o maior prazer. Tenho uma conexão emocional muito forte com a associação, acredito no voluntariado e cresci numa família pautada por esse conceito de fazer o bem e de se doar para esse país que nos acolheu tão bem.” Em 2019, Schaffer passaria a fazer parte também do Conselho de Administração da entidade.



DÉCADA DE 1970

O voluntariado rumo à melhoria da sociedade



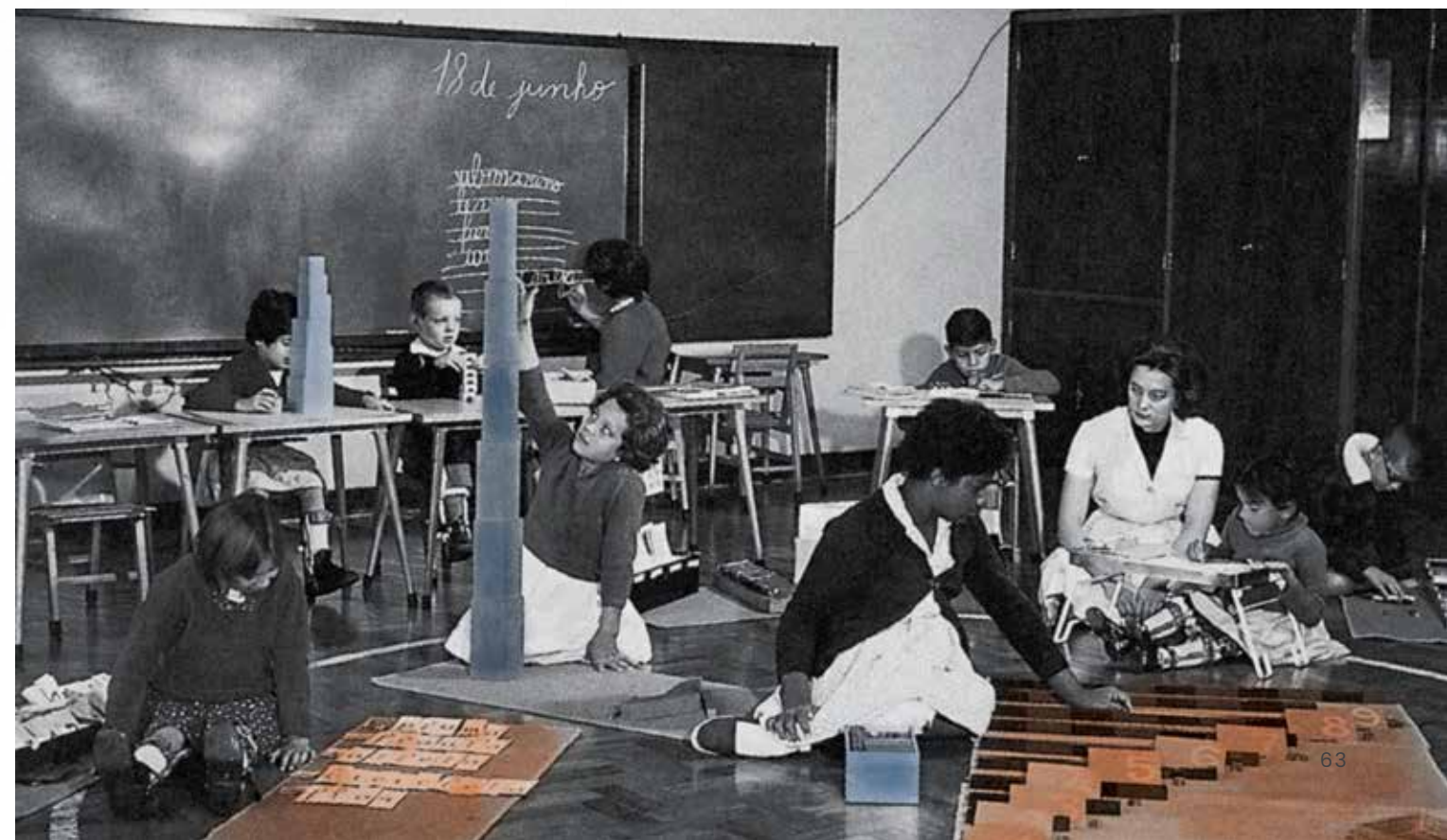
Centro de Recreação da AACD, feito pelo Dr. Bomfim no ano de 1971, em terreno recebido como doação no Guarujá.

A preocupação com o outro e os momentos de dedicação e gratidão entre voluntários, profissionais da saúde e pacientes dão o tom desta década.

No início da década de 1970, passos foram dados na direção de um voluntariado mais eficiente. As voluntárias foram se conscientizando de que estavam ali para expressar sua cidadania e que a melhoria da sociedade é responsabilidade de todos.

Além dos avanços com o voluntariado, a AACD também foi pioneira em alguns importantes segmentos, como: a área de arte-reabilitação no Brasil; a Oficina Ortopédica, que formou mais de 900 profissionais nos cinco continentes; e a área de fonoaudiologia, na qual a instituição teve um setor específico antes mesmo da existência de cursos universitários em nível de bacharelado para esses profissionais no país.

A relação entre pacientes, médicos, enfermeiras e voluntárias era descontraída, o que ajudava no processo de reabilitação.



Oficina Ortopédica decola com a ajuda do voluntariado

A Oficina Ortopédica da AACD foi criada em 1962, com o objetivo de auxiliar na reabilitação do paciente e melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência física. No local, são fabricados produtos ortopédicos sob medida, como órteses, próteses, coletes e adaptações para cadeiras de rodas. Para ajudar a oficina, sempre muito sobrecarregada de pedidos, vários voluntários se revezam na triagem, recepção e em atividades administrativas. Dessa maneira, os técnicos conseguem ter dedicação total aos aparelhos.



Além de desenvolver órteses e próteses ortopédicas, o engenheiro mecânico Norberto Farina criou também um catálogo com todos os acessórios fabricados pela AACD.

Na pág. ao lado, Walter Teixeira, gerente da Oficina Ortopédica e um dos responsáveis pela formação dos 900 alunos de 69 países, nos cursos do Centro Internacional de Treinamento e Formação de Técnicos em Órteses e Próteses da AACD.

Engenheiro voluntário em ação

Norberto Farina, engenheiro mecânico metalúrgico, não tinha nenhum conhecimento sobre deficiência física quando aceitou um desafio: desenvolver próteses ortopédicas. A proposta veio no fim da década de 1980, quando Farina foi procurado por Roberto Costa de Abreu Sodré, ex-governador de São Paulo, pelo engenheiro José de Jesus Álvares da Fonseca, mais conhecido pelo apelido Fonsequinha, e por Ivan Ferraretto, então diretor médico da AACD e primo da sua esposa. “Eles colocaram sobre a minha mesa uma prótese e disseram: ‘Nós não temos mais dinheiro para importar (essa peça) e você precisa desenvolver isso aqui no Brasil’”, relembra.

Farina começou ali a desenvolver uma ligação de voluntariado com a AACD que já dura mais de três décadas. Então presidente da Massey Ferguson, ele passou numa loja de ferragens e comprou ferramentas pequenininhas para desmontar a prótese e pensar em como fabricá-la. “Desmontei a peça e separei tudo que era possível encontrar em São Paulo: parafusos, porcas, arruelas, pinos e anéis elásticos”, conta. “Minha esposa disse que eu estava louco.”

Com o auxílio de Wolfgang Sauer, na época presidente da Volkswagen no Brasil, o engenheiro desenvolveu na ferramentaria da montadora as peças que não existiam no país. “Num fim de semana, peguei a prótese e fui quietinho na AACD para testá-la em uma criança. Deu certo e o paciente conseguiu caminhar. Eu fotografei a criança e, mais tarde, essa imagem entraria em um catálogo direcionado a médicos”, diz.

A importância de dar movimento às pessoas

Farina empenhou-se também em criar um catálogo com todos os acessórios, próteses e órteses fabricados pela AACD, algo que até então só existia com produtos importados. A primeira tiragem saiu com 4.000 unidades, distribuídas em um congresso médico. “Eu e minha esposa fomos ao Hotel Nacional, no Rio de Janeiro, para entregar aos profissionais que estavam reunidos lá. O catálogo facilitou o trabalho do médico e aumentou as nossas vendas”, afirma Norberto.

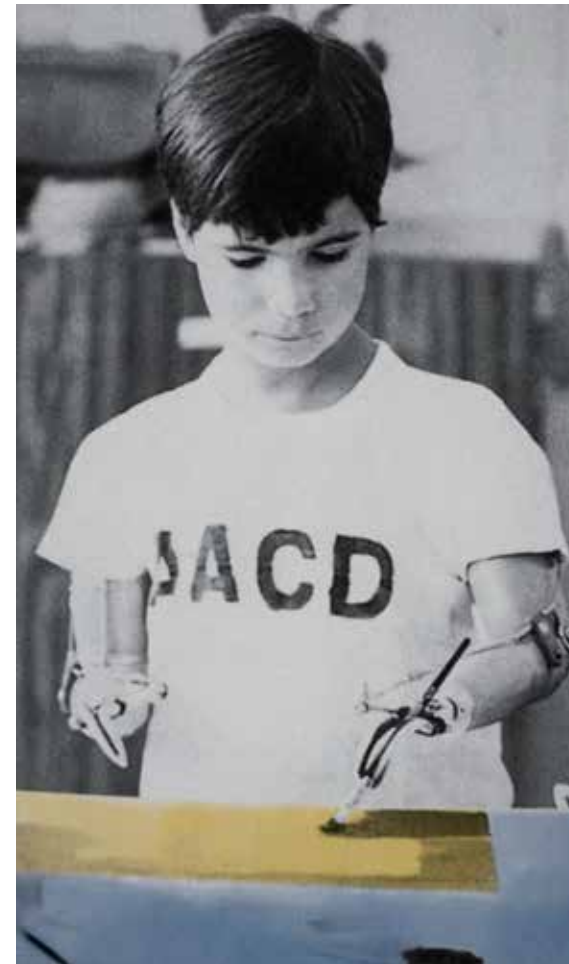
Aos 80 anos, o engenheiro orgulha-se de continuar trabalhando pelas pessoas com deficiência. “Quando o indivíduo não tem movimento, a vida fica muito prejudicada. O nosso papel é dar movimento às pessoas e integrá-las na sociedade. Nós nunca medimos esforços para que isso aconteça”, conclui.



Oficina Ortopédica formou mais de 900 profissionais nos cinco continentes

Em 1981, em comemoração ao Ano Internacional das Pessoas Deficientes, proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU), a AACD ampliou a Oficina Ortopédica. Walter Teixeira Guimarães, que foi gerente da oficina de 1972 a 2016, lembra que a expansão serviu, sobretudo, para receber os cursos do Centro Internacional de Treinamento e Formação de Técnicos em Órteses e Próteses, a partir de uma parceria com o Fundo Mundial de Reabilitação. O programa formou mais de 900 alunos de 69 países. Nas cerimônias de formatura dos técnicos “internacionais” em órteses e próteses, o voluntariado tinha papel importante, cuidando do auditório, da recepção, das fotos e dos lanches servidos nessas ocasiões.

O papel da Oficina Ortopédica da AACD é dar movimento às pessoas e integrá-las na sociedade.



Crianças-símbolo como João Epifânio, personificavam as campanhas de arrecadação da AACD na década de 1970.

A importância do trabalho voluntário

Foi também na Oficina Ortopédica que a ex-presidente do voluntariado, Regina Camargo, começou como voluntária na AACD. Ela trabalhou no local por cerca de cinco meses, em uma época em que, por uma mudança na legislação, o encaminhamento dos pacientes do SUS passou a ser feito obrigatoriamente pelo sistema público. Sem saber disso, no entanto, muitas pessoas continuavam procurando diretamente a associação. “Se a oficina abria às 8h, às 7h já tinha uma fila formada na porta. Entendi que o trabalho do voluntariado era bem importante, porque a gente organizava a fila, conversava com as pessoas e dava desenhos para distrair as crianças”, lembra ela. Para auxiliar os pacientes de modo efetivo, Regina informou-se sobre as novas regras. “Eu explicava o que era o SUS, qual o papel da AACD e como funcionava a fila de dispensação de produtos”, diz.



“Trabalhei no Senai e conheci a Oficina Ortopédica da AACD Ibirapuera. Senti que poderia ser útil ali e prometi que, ao me aposentar, seria voluntário na instituição. Eu me dediquei a vários setores, como o de fotografias, onde eram tiradas fotos dos pacientes, para acompanhar a sua evolução. Um dia, precisei fotografar um bebê de seis meses de idade, que tinha sofrido cinco cirurgias. Quando a criança saiu da sala, não me contive e chorei. Ser importante para alguém preenche o meu coração. A alegria de fazer o bem é a única felicidade verdadeira.”

Pasquale Quattrone, 73 anos, pedagogo aposentado, voluntário em Osasco desde 2006.



“Há 11 anos tive meu objetivo alcançado, quando ingressei para o voluntariado da AACD, no setor de Fonoaudiologia. Lá, desempenho minhas tarefas com muito amor e dedicação e posso constatar a troca de energias boas, amor e gratidão entre voluntários, profissionais da saúde e pacientes.”

Vera Regina Massaro Nunes Pereira, 69 anos, voluntária na AACD desde 2010.

O pioneirismo do setor de Fonoaudiologia e o apoio dos voluntários

A AACD tem um setor de Fonoaudiologia antes mesmo da existência de cursos universitários no Brasil. Em 1972, a fonoaudióloga Maria Cristina França começou a trabalhar como estagiária do setor, conciliando a atividade com o terceiro e último ano da graduação de tecnóloga em fonoaudiologia. Naquele ano, havia apenas um voluntário na área, que ficava na secretaria, atendendo telefone e preenchendo formulários dos pacientes, enquanto os seis profissionais do setor se dedicavam à AACD.

Com o desenvolvimento da fonoaudiologia como ciência, a AACD inaugurou em 1996 o serviço de atendimento à disfagia, caracterizada por uma alteração da deglutição em qualquer parte do trato digestivo. Nessa época, os voluntários se revezavam em atividades como: limpar e organizar os brinquedos; cortar as fraldas e compressas cirúrgicas; repor propés e paninhos de boca nas salas; plastificar materiais de terapia; e embalar os alimentos e conferir suas datas de validade.

Quando Maria Cristina deixou a instituição, em 2009, o setor de Fonoaudiologia reunia 17 profissionais somente na Unidade Ibirapuera. Já o número de voluntários aumentou bastante ao longo dos 70 anos, chegando a até dez na Fonoaudiologia, dando apoio e suporte aos profissionais da área.



Voluntariado da AACD criou o primeiro setor de Arte-Reabilitação no Brasil

No encontro da arte com a saúde, pacientes recebem tratamento físico, emocional e cognitivo.

Alguns setores da AACD surgiram a partir da dedicação de voluntários, como o da Arte-Reabilitação, pioneiro no Brasil. Ana Alice Nabas Francisquetti, idealizadora do espaço terapêutico, conheceu o trabalho da AACD ao levar a filha de uma funcionária para se tratar na associação. Por volta de 1974, encantada com o resultado do tratamento da criança, decidiu aderir ao corpo de voluntários da instituição.

“Eu tenho formação em pedagogia e também sou artista plástica, então a minha primeira ideia foi ensinar arte para os pacientes internos, que passavam meses ou anos morando lá dentro”, diz ela. Intuitivamente, Ana Alice promovia jogos e brincadeiras para as crianças como passatempo. Depois, introduziu atividades de pintura e desenho. Em 1985, 11 anos depois de começar a voluntariar, foi contratada pela AACD para criar o setor de Arte-Reabilitação, o primeiro do país, onde duas ou três voluntárias se revezavam diariamente para atender crianças e adultos.

Só em 1989 foi lançado no Brasil o primeiro curso de arteterapia, pelo Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. Ana Alice inscreveu-se na primeira turma e especializou-se no tema. “Eu fui a precursora da arte-reabilitação no Brasil. Isso eu devo à AACD e ao voluntariado”, diz ela, que se tornou professora do instituto.

Ana Alice se lembra de exposições de quadros realizadas em unidades do Sesc e do Sesi. “O preconceito contra um deficiente é muito grande. Nós fizemos um trabalho de formiguinha para mostrar para a sociedade que a pessoa com deficiência é capaz de fazer várias coisas”, afirma. As exposições têm impacto positivo na autoestima dos pacientes, que se orgulham de suas obras, e na maneira como eles são vistos dentro de casa. “A família passa a ver seu filho como alguém que pode produzir e que participa da vida sociocultural da cidade”, aponta a arteterapeuta, que deixou a AACD em 2012, após 38 anos dedicados à associação.

Última década do Dr. Bomfim

Quando o Dr. Bomfim faleceu, em 1976, o seu corpo foi velado dentro da AACD, no Ibirapuera, em São Paulo. No dia do velório, a instituição ficou em silêncio absoluto, exceto pelo toque das muletas dos pacientes e ex-pacientes que foram prestar a sua última homenagem. A voluntária Ana Alice Nabas Francisquetti conta que essa memória auditiva é muito significativa porque o Dr. Bomfim lutou por aquelas pessoas a vida inteira. “Eu e todo o corpo de voluntárias fomos ao enterro dele, no Cemitério da Consolação”, relembra Ana Alice.

Dedicação a qualquer hora

“Entrei na AACD em 1976. No mesmo ano, eu me formei em enfermagem e passei a atuar na enfermaria da associação, onde tive contato com o Dr. Renato Bomfim. Fiquei surpresa ao descobrir que ele visitava os pacientes mesmo de madrugada. Às vezes, aparecia às 2h ou 3h da manhã, sem nos avisar. Uma recordação querida que tenho são os voluntários. Eles ajudavam a gente a carregar as crianças e dar comida para elas. Dava para ver que eram pessoas que gostavam do que faziam. E a boa convivência entre pacientes, voluntários e nós, funcionários, estendia-se além dos muros da AACD. Nos fins de semana, pedíamos autorização da diretoria para passear com pacientes que moravam na instituição e estavam longe da família. Eu e alguns voluntários levávamos os internos para o parque do Ibirapuera, para a lanchonete e para o cinema. Todo mundo se divertia.”

Nelcy Santos da Silva, 62 anos, enfermeira, trabalhou na AACD de 1976 a 1991.

“Eu tive pouca convivência com o Dr. Bomfim, talvez por 1 ou 2 anos. Quando ele morreu, em 1976, o seu corpo foi velado dentro da AACD. No dia do velório, a instituição ficou em silêncio absoluto, exceto pelo toque das muletas dos pacientes e ex-pacientes que foram prestar a sua última homenagem. Hoje, eu entendo que essa memória auditiva é muito significativa, porque o Dr. Bomfim lutou por aquelas pessoas a vida inteira. Eu e todo o corpo de voluntárias fomos ao enterro dele, no Cemitério da Consolação.”

Ana Alice Nabas Francisquetti, voluntária.

Dr. Renato da Costa Bomfim, fundador da AACD.



DÉCADA DE 1980

Mais qualidade no atendimento e foco no bem-estar do paciente



Curso para formação de voluntários, presença da música na vida dos pacientes, novas formas de arrecadação... Como o voluntariado foi se organizando mais no dia a dia da instituição.

O voluntariado da AACD nessa década passou por algumas modificações, assim como a própria instituição, mediante as necessidades que se impunham. A evolução se deu em vários âmbitos do voluntariado, tanto nas tarefas cotidianas como nos cursos preparatórios e também junto ao Coral, que deu visibilidade para pessoas com deficiência e levou a bandeira da inclusão para fora da associação.

Foi nessa década que aconteceu o primeiro Curso para Voluntários da AACD, sob inspiração de Maria Sílvia de Castro Resston e de Nízia Cêra, vice-presidente do Voluntariado na época. O curso de formação veio profissionalizar o serviço voluntário. Oferecido duas vezes ao ano, era constituído de 15 aulas, com palestras e visitas às dependências. Os novos voluntários escolhiam o setor em que iam trabalhar e comprometiam-se a estar ali regularmente. Assinavam o ponto e respeitavam a hierarquia, a disciplina e a pontualidade. Equilíbrio, serenidade, discrição e bom-senso eram qualidades desejáveis para os candidatos a voluntariar nesse período.

A evolução do voluntariado

Era o ano de 1986 quando a Dra. Alice, depois de cursar medicina na Faculdade Federal de Pernambuco, regressou a São Paulo, sua terra natal, e foi fazer residência em fisioterapia na AACD. Sob os olhares atentos do diretor clínico da instituição, Dr. Ivan Ferraretto, Alice se formou e passou a fazer parte da instituição, começando pela área em que mais gostava, o setor de reabilitação infantil, para depois dar um giro por outros setores.

Em todos os lugares por onde passou, pôde constatar o que todos diziam ser a alma da instituição, o voluntariado. “No ambiente do ambulatório, o voluntário nos ajuda muito, desde a higienização dos brinquedos na fisioterapia infantil, passando pela recepção para atender as famílias e encaminhar o paciente para a área específica, pegar prontuário... Os voluntários são nossos anjos da guarda, eles nos ajudam em absolutamente tudo”, relembra a médica.

Ao lado, sessão de terapia ocupacional.

Processo de evolução

Para a Dra. Alice, ao longo de mais de 35 anos de AACD, o voluntariado teve alguns momentos parecidos com a própria história da instituição em termos de mudanças. A médica conta que, quando começou a trabalhar, todos se sentiam uma grande família, todo mundo se conhecia pelo nome, médicos, pacientes e voluntários. “Eu vi o voluntariado crescendo e também se modificando perante as necessidades, assim como a própria instituição. O voluntariado foi se organizando mais no dia a dia, nas tarefas, nos cursos preparatórios. Estive presente durante o processo de evolução”, relembra Dra. Alice.



Presença marcante na Avaliação Global

A Avaliação Global — desde 1980 — é um momento em que os pacientes são avaliados por todos os setores para definir em termos terapêuticos quais terapias são necessárias ao paciente: fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, pedagogia... Nesses momentos, lembra a Dra. Alice, todos os terapeutas se reúnem para discutir o caso do paciente e planejar a melhor conduta terapêutica. E lá estão os voluntários. Eles organizam a chegada dos pacientes, informam onde ficam as instalações e dão assistência às mães que aguardam a reunião dos médicos e depois são chamadas para receber a devolutiva.

“No final da década de 1980, tinha uma voluntária que ficava no ambulatório médico, e brincávamos que ela era a Beth Bis. Toda vez que chegava para trabalhar, trazia uma caixinha de chocolate Bis e distribuía pelo ambulatório. Algumas voluntárias que ficavam na Avaliação Global traziam bolo no aniversário de cada um e faziam até mesmo decoração na sala”, recorda Dra. Alice.

Dra. Alice Rosa,
fisiatra e
Superintendente
de Práticas
Assistenciais
da AACD.



A musicista
Marilena Nascimento,
tocando piano,
criou o setor de
Musicoterapia
da AACD.

A Musicoterapia nasceu a partir de uma ação voluntária

Em meados dos anos 1980, a musicista, professora e musicoterapeuta Marilena Nascimento organizou dentro da AACD o concerto de um pianista mexicano com uma deficiência física. Ao conhecer o trabalho da associação, voluntariou-se para dar aulas na Arte-Reabilitação. Os sons emitidos pelos instrumentos musicais levados por ela chamaram atenção dos alunos do setor escolar, para o qual ela migrou.

Por volta de 1987, Marilena organizou um coral, formado por crianças com deficiência física e seus acompanhantes. O grupo passou a se apresentar em festas da instituição. Para a musicoterapeuta, essas ações ajudaram a trilhar o caminho da inclusão social. “Quando eu comecei a trabalhar na AACD, o deficiente físico ficava muito em casa. Nós fizemos uma ação pioneira e as pessoas começaram a entender que os indivíduos com deficiência têm o seu papel na sociedade”, diz ela. A cada apresentação,

cerca de 20 estudantes, mais seus acompanhantes, lotavam um ônibus e seguiam para lugares como shoppings, escolas e prédios públicos. “Era o sonho de consumo da criançada”, afirma a musicoterapeuta.

Marilena tornou-se funcionária da AACD, com a missão de criar o setor de Musicoterapia. “No Brasil, fui a primeira musicoterapeuta contratada com essa função. A intervenção com a música deixou de ser pedagógica e passou a ser terapêutica e individual para cada paciente. Assim como a fisioterapia e a psicologia, a musicoterapia é uma disciplina dentro do corpo de reabilitação da AACD”, explica.

A música pode ser utilizada como meio de comunicação e expressão para pessoas com limitações físicas e cognitivas. Marilena se recorda de um menino com grande talento musical, com uma distrofia avançada no membro superior. Para ele tocar teclado, funcionários da Oficina Ortopédica desenvolveram um mecanismo semelhante a um anzol, que segurava a sua mão. A musicoterapia pode trabalhar também em parceria com a fonoaudiologia, estimulando a respiração e a vocalização entre adultos que sofreram traumatismo craniano, acidente vascular cerebral e outros acidentes que afetam a fala.

Segundo Marilena, as atividades musicais reuniam um grande número de voluntários. Só o setor de Musicoterapia contava com seis deles, em tempo integral. “O pessoal da música sempre prestigiou as nossas ações, inclusive eu tinha um voluntário só para tocar órgão nas apresentações do Coral, enquanto eu fazia a regência”, relembra. Artistas famosos, como o pianista João Carlos Martins, que segundo Marilena fez tratamentos de reabilitação na AACD, também se apresentaram ao lado das crianças.

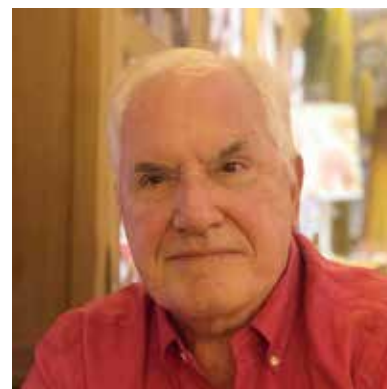
“Meu sonho era me aposentar e me dedicar a uma causa social. Voluntariar seria uma forma de agradecer à sociedade pelas oportunidades que tive na vida. Depois de me dedicar por 35 anos a uma multinacional, eu me inscrevi no voluntariado da AACD. Nós, voluntários, somos parceiros uns dos outros e estamos abertos para o que der e vier. Eu acredito que todo mundo que presta serviço para a AACD sente a mesma admiração que eu sinto. Somos uma única família.”

Vera Lúcia Toyama, 63 anos, bancária aposentada, voluntária na AACD Ibirapuera.



“O primeiro contato que tive com a AACD, nos anos 1980, foi através de uma gincana organizada pela rádio Transamérica e pela Dacon, concessionária de automóveis. Participei da equipe chamada AKIGANHOU PARA AACD e ganhamos! Vencer e doar foi o melhor sentimento vivenciado por todos. Mais tarde, nos anos 1990, ingressei no Exército Azul e Branco como voluntária e fiz o banco de dados e cadastros. Ana Maria Domeneghetti me designou para atuar no setor escolar uma vez por semana. Eu me encantei com o setor de natação e comecei a dedicar mais um dia. Aos poucos, comecei a auxiliar nas planilhas financeiras e de gestão administrativa dos eventos, como Festa Junina, Feira da Oportunidade, chás no Terraço Itália. Quando notei, estava envolvida quase todos os dias da semana. Sentir, participar, transformar é a emoção de ser voluntário, é servir sem olhar a quem.”

Valéria Maria dos Santos, voluntária da AACD do Ibirapuera e de Osasco.



“Colocar minhas energias, contatos e conhecimento a serviço da AACD não resulta apenas em benefício aos pacientes, mas me faz crescer como pessoa. E ter ao meu lado tanta gente movida pela mesma determinação me faz acreditar que cada um de nós, com uma pequena parcela de seu tempo e talento, faz o mundo ser um pouco melhor.”

Luiz Carlos Mandelli, do Conselho Consultivo Regional de Porto Alegre.



Cartão de Natal da AACD

Nos anos 1980, em termos de audiência, alguns segundos na televisão valiam mais do que muitas Paradas do Lúrio para arrecadar fundos para a instituição. E novas formas de arrecadação foram sendo desenvolvidas. O então presidente voluntário da AACD nessa época, Alex Maluf, empenhou-se em um projeto simples, mas muito bem-sucedido: a venda de cartões de Natal. Os desenhos eram doados por conhecidos artistas plásticos, por alunos da AACD e por meio de um concurso. Com a ajuda das emissoras de TV, que veiculavam gratuitamente os filmes publicitários, a arrecadação com a venda anual de cartões subiu de 100 mil cruzeiros para 3 milhões de cruzeiros. Na esteira desse sucesso e com a valiosa ajuda dos voluntários, outros produtos foram sendo comercializados com a marca da AACD, como camisetas, bonés, canetas, agendas e material de escritório, utilizados inclusive por grandes empresas como brinde de final de ano.

Com a venda dos cartões de Natal, idealizados pelo ex-presidente voluntário Alex Maluf, a AACD conseguiu a arrecadação necessária para manter o caixa.



Criador das “gotinhas que salvam”, Dr. Sabin fazia questão da proximidade com os pacientes.

O papel da AACD na erradicação da poliomielite no Brasil

Instituição teve participação fundamental, junto com o criador da vacina contra a paralisia infantil, Albert Sabin, para a imunização dos brasileiros

A poliomielite, que motivou a fundação da AACD, foi erradicada do Brasil com a contribuição direta da instituição. Embora a vacina contra a paralisia infantil tenha sido aprovada para uso em 1960, a doença continuava endêmica no país e na América do Sul duas décadas depois. Em 1980, o Ministério da Saúde convidou o criador do imunizante, o médico e cientista americano-polonês Albert Bruce Sabin, para vir ao país dar um parecer.

Sabin percebeu que o sistema de vacinação proposto pelo governo precisava de ajustes. Os postos de imunização eram instalados em centros urbanos, de modo que somente as crianças que viviam próximas a esses locais recebiam a vacina oral, popularmente conhecida como “gotinha”. Aquelas que moravam na zona rural continuavam expostas à doença, perpetuando o ciclo de transmissão.

Para Sabin, o agente de saúde deveria ir ao encontro de cada criança, não o contrário. O médico externou a sua opinião e viajou a Brasília para se encontrar com o então ministro da Saúde, Waldyr Arcoverde.

Ao ler nos jornais sobre a presença de Sabin em nosso país, o médico ortopedista Ivan Ferraretto, que foi diretor clínico da instituição de 1977 a 2001, convidou-o para ir à AACD, em São Paulo. Com o aceite do convite, telefonou para Roberto Marinho, explicou quem era e pediu que a visita fosse registrada por uma equipe da TV Globo. “O Roberto Marinho me pediu duas horas para dar uma resposta. Quando ele desligou, pensei que nunca mais ouviria falar dele, mas ele retornou o telefonema em menos de uma hora. Ele disse: ‘Olha, estamos de acordo e eu vou mandar para São Paulo a melhor câmera que eu tenho, uma Sony ultramoderna’”.

Ferraretto buscou Sabin no endereço onde estava hospedado na capital paulista e o levou à AACD. Foi recebido pela diretoria da instituição, incluindo Roberto Costa de Abreu Sodré, ex-governador do Estado de São Paulo e, à época, presidente da instituição.

Depois de visitar a AACD, Sabin concedeu uma entrevista à TV Globo que foi um sucesso. Dali a dois meses, o Ministério da Saúde mudou o esquema de vacinação da pólio. Em três ou quatro anos, a doença foi erradicada no país. “Essa talvez tenha sido a maior contribuição da AACD para o Brasil, porque eu usei o nome da instituição, que já era conhecida, para defender uma ideia saudável”, diz Ferraretto.

DÉCADA DE 1990

A década das transformações no voluntariado

Hebe Camargo e Silvio Santos apresentaram o primeiro Teleton em 1998.



A barreira da idade ou de gênero para ser voluntário na AACD começava a ser rompida. Não eram mais as damas da caridade apenas, mas sim uma sociedade inteira fazendo a diferença rumo à transformação do voluntariado.



O crescimento do voluntariado da AACD nos anos 1990 foi surpreendente. A instituição trabalhava com um calendário anual de eventos, gestão, planejamento e visão orçamentária, além de treinamento e capacitação dos voluntários. A cada dia, cresciam as solicitações dos profissionais e dos setores da AACD, que requisitavam a atuação e a participação dos voluntários. Levantar fundos para a construção do hospital, bem como para o seu aparelhamento, foi a principal preocupação no início dessa década.

“Alô, quer fazer uma doação para a construção do Hospital da AACD?”



Na primeira foto acima, a atriz Marisa Orth, garota-propaganda do sistema de arrecadação de doações por telefone. Embaixo, balcão de venda de cartões da AACD.

Em 1993, foi implantado o sistema de doações por telefone. A primeira campanha teve a atriz Marisa Orth como garota-propaganda para ajudar na arrecadação para a construção do hospital. “Nosso hospital precisa do seu socorro” era o slogan que a Rede Globo veiculou nacionalmente, com a participação de Ney Latorraca, Lima Duarte, Tony Ramos, Dercy Gonçalves e Chico Anísio.

O terreno da rua Ascendino Reis — sede da AACD em São Paulo —, já parcialmente utilizado pelo Centro de Reabilitação, permitia a concretização do sonho do hospital próprio. E o empreendimento só foi possível graças às grandes e pequenas contribuições. Empresas como a Votorantim, a Eucatex, a Deca e a White Martins participaram oferecendo materiais. Os bancos Bradesco, Itaú e Safra foram padrinhos. Também houve grande apoio da sociedade em geral, motivada por campanha publicitária com a colaboração da Rede Globo, que cedeu espaço no “Domingão do Faustão” e veiculou comerciais nos quais atores pediam doações por telefone. O hospital foi inaugurado em 12 de julho de 1993.

“Somos profissionais na área do servir”

Presidente do voluntariado por três vezes consecutivas, Ana Maria Domeneghetti tinha como propósito aumentar o bem-estar do paciente.

Ana Maria Domeneghetti — administradora de empresa, casada e mãe de dois filhos — entrou para o voluntariado da AACD no setor escolar. A convivência muito próxima com os pacientes bastou para que ela percebesse que seu objetivo na instituição seria concretizado: o de melhorar a qualidade do atendimento, aumentando a cada dia o bem-estar do paciente. E foi isso que Ana Maria fez ao longo dos seus três mandatos consecutivos como presidente do voluntariado da AACD, de 1992 a 1997.

Como mãe, ela se compadecia do sofrimento enfrentado pelas famílias dos pacientes da AACD, que não sabiam como lidar com os filhos especiais. Com sua generosidade e competência, lutou por mostrar a elas que é possível, sim, conviver com os que apresentam deficiências físicas. Difícil mesmo é conviver com o preconceito das pessoas.

Mulher de visão, Ana Maria procurou implantar o espírito do voluntariado para muito além da caridade, dando a ele o caráter de cidadania. Logo após a sua primeira posse como presidente do voluntariado, iniciou o 1º Curso para a Formação de Voluntários. Nessa época, contava com um corpo de 40 pessoas. Com o apoio irrestrito do então presidente da AACD, Carlos Alberto Lancellotti, conseguiu levar o voluntariado para quase todos os setores da instituição. Quando deixou a presidência, em 1997, tinha sob sua batuta uma equipe de mais de 500 integrantes, organizados em 43 coordenadorias, que apoiavam 28 setores no hospital, setor escolar e Centro de Reabilitação. Detalhe: 30% da equipe era composta por homens, fato inédito na instituição, que sempre teve um quadro de voluntários formado basicamente por mulheres.

O voluntariado antes e depois de Ana Maria

Para João Luiz Marques da Silva, diretor voluntário da AACD, o voluntariado da instituição se divide em antes e depois da gestão de Ana Maria Domeneghetti. Isso porque, até a gestão dela, o voluntariado era centrado em mulheres donas de casa, que tinham muito amor e dedicação a doar aos pacientes. Mas não existia a “profissionalização do voluntariado”. E foi na gestão de Ana Maria que se implantou a semente organizacional no voluntariado, o conceito dos setores, das responsabilidades, com metas, objetivos e captação de recursos, por meio de feiras e eventos. Com dias certos para trabalhar, uniforme e todo mundo de crachá.

Os conceitos implantados na gestão de Ana Maria Domeneghetti ajudaram a transformar o trabalho voluntário da AACD e a melhorar a qualidade do atendimento, aumentando a cada dia o bem-estar do paciente.



As voluntárias (da esquerda para direita): Berenice Maugéri, Ana Maria Domeneghetti e Giselda Corrêa Godinho, em chá beneficente no ano de 1992.



“Ao chegar na AACD, pude observar que o paciente adulto é quem mais precisa do nosso sorriso. Ao ouvir nosso cumprimento, levantam a cabeça e sorriem de volta. Voluntariado é missão, compreensão, dedicação e trabalho em equipe.”

Marlene Gomes de Oliveira, 72 anos, professora e historiadora, voluntária na AACD Ibirapuera desde 1997.



Voluntárias trabalham e se divertem na Feira da Oportunidade, evento criado para arrecadar fundos para a AACD.

Feira da Oportunidade

O voluntariado da AACD, além do apoio que presta aos pacientes e profissionais de todas as áreas da instituição, também colabora na captação de recursos.

Para dinamizar os bazares e arrecadar renda adicional para a AACD, a Feira da Oportunidade foi criada pelos voluntários em 1992. Nela eram vendidos diversos itens, a ótimos preços, como roupas femininas, bijuterias, artesanato, cosméticos, brinquedos, presentes e objetos feitos pelos alunos da instituição. “A primeira edição aconteceu nos corredores da instituição — usamos as macas do hospital que iria ser inaugurado como mesas de apoio —, e o sucesso e a consequente necessidade de crescimento fizeram com que procurássemos ano após ano, um local maior, fora da associação. A última foi realizada no Pavilhão Vermelho do Centro de Exposições Center Norte, o maior da época”, lembra o voluntário Roberto Tobo. E para apadrinhar o evento, o cantor Daniel foi convidado. Com o fim da feira, Daniel passou a ser o padrinho do Teleton, relembra Tobo.

De mãe de paciente à presidência do voluntariado da AACD

A trajetória de Bernadete, que, ao lado de seu marido João Luiz Marques da Silva, enfrentou a patologia da filha Isabelle com o apoio da AACD e a determinação de ajudar o próximo

“Nove meses de gestação. João Luiz e eu esperávamos uma criança. Mas aquela criança não veio. Recebemos outra criança, diferente da que tínhamos imaginado, para cuidar, alimentar, conviver. Nossas opções como pais? Amar ou amar. Isabelle é a nossa quarta filha. Não havia nenhum caso de deficiência nas nossas famílias. Nosso contato com o mundo da deficiência era zero”, lembra Maria Bernadete Palma Marques da Silva.

A pequena Isabelle, diagnosticada com mielomeningocele — má formação congênita da coluna vertebral —, tinha apenas seis meses de vida e já havia passado por algumas cirurgias quando os pais a levaram ao consultório do ortopedista Dr. Ivan Ferraretto. O médico, que trabalhava na AACD, indicou a instituição para que a criança pudesse ter um atendimento completo.

Ao pisar na AACD, a realidade bateu de frente. E foi justamente nessa hora que a instituição começou a entrar em ação na vida da família, que logo percebeu o quanto tudo ali era essencial. Em especial, a acolhida recebida por parte dos voluntários.

“Estava tão nervosa a caminho da AACD pela primeira vez, com Isabelle no carro, que fui parar em outro prédio. Respirei fundo, falei para mim mesma que precisava encarar e consegui chegar. Na recepção, fui logo dizendo que não sabia se deveria estar lá e, nesse exato momento de tamanha aflição e angústia, fui acolhida pela voluntária Celina. Ela me acalmou, passou a manhã toda comigo e minha filha, fez o encaminhamento, ficou junto na triagem. Foi um alento ter Celina ao meu lado para me dar forças, segurar na minha mão e me apoiar. Muito acolhedor receber todo aquele carinho e, em instantes, entendi a importância do voluntariado. É uma doação incondicional.”

O início do voluntariado

Depois de um tempo, a AACD passou a fazer parte da rotina da família. Foi quando o Dr. Ivan Ferraretto sugeriu que Bernadete entrasse para o grupo de voluntárias. No primeiro momento, ela conta que o convite soou estranho: “Como eu, tão emocionalmente abalada, com outros três filhos pequenos, marido e os cuidados com Isabelle, que me tomavam tanto tempo, poderia fazer um trabalho voluntário?”

Bernadete resolveu encarar o desafio e foi conversar com a então presidente do voluntariado, Ana Maria Domeneghetti — uma pessoa dinâmica, humanista, alegre e com quem ela pôde aprender muito. Assim, Bernadete se tornou a primeira mãe a ser voluntária da AACD.



Bernadete e Belle no dia da cirurgia.

Belle e Bernadete na AACD: “a instituição passou a fazer parte da rotina da família.”

“Comecei na recepção, pela porta de entrada. A mesma entrada que tanto me afligiu e assustou quando entrei como mãe. De alguma forma, queria retribuir a acolhida que recebi ao chegar pela primeira vez na instituição. E lá fui ser parceira da voluntária Celina, que tão bem me amparou.”

Bernadete começou então a ser solicitada como mãe de paciente. Quando iam construir um banheiro para pessoas com deficiência, pediam para ela checar se o local estava adequado, se dava para entrar com cadeiras de rodas, se o trocador estava numa altura boa.

Depois de passar por setores como Urologia, Urodinâmica, Serviço Médico, Corrente do Bem, Humanização e Eventos, a mãe voluntária entrou em um processo seletivo e foi nomeada pela então presidente da instituição, Regina Velloso, para ocupar a presidência do voluntariado da AACD, cargo que exerceu de 2010 a 2013 com dedicação integral. Sempre trabalhou também aos finais de semana, quando necessário, fosse nos eventos ou visitando as unidades da AACD pelo Brasil. Na época em que Bernadete atuou como presidente do voluntariado, a instituição chegou a ter 1.600 voluntários nas 13 unidades espalhadas pelo país. Por questões familiares — sua filha Isabelle precisou mais da figura materna por perto por conta das cirurgias —, ela teve que se afastar do cargo e convidou Regina Camargo para a substituir. Bernadete lembra que a diferença entre ela e Regina, que também é mãe de paciente e voluntária, manifestava-se em porcentagens: “Enquanto eu exercia o cargo com 100% de emoção, coração e dedicação, minha sucessora complementou a gestão com 100% de razão, dedicação e inovação.”

Na década de 1990, Bernadete passou a produzir o jornal “O Lírio” — que já existia desde os anos 1980 — e criou “O Lirinho”, publicação destinada às crianças da AACD. Atuou também no setor de formação de novos voluntários em várias unidades pelo Brasil, na formatação de cursos e em palestras de sensibilização dos voluntários, em que, depois de discutir sobre as partes técnicas e operacionais, falava de sua experiência como mãe de paciente. Nesse momento, os aspirantes entendiam que ser voluntário na AACD era tocar vidas.

Com toda a experiência de voluntária por mais de 20 anos, Bernadete também atuou junto ao Teleton, nos bastidores e na preparação da equipe de voluntários, inclusive da equipe técnica, para que seus integrantes se tornassem voluntários por um dia.



Era por meio dos jornais “O Lírio” e “O LirinHO” que pacientes adultos e crianças se viam retratados e ficavam a par dos acontecimentos da instituição.



“O Lírio” e seu filhote

Quando a então presidente do voluntariado, Bernadete Palma, recebeu a incumbência de tocar o informativo “O Lírio”, na época escrito em uma folha de sulfite, nunca havia editado ou pensado em fazer um jornal na vida. Com alma desbravadora, lá foi a mãe voluntária para mais um desafio. Bernadete se empolgou com a missão e deu nova vida ao jornal. Mais páginas, nova diagramação, entrevistas com profissionais da instituição, membros do conselho, voluntários e fala do presidente. Nas seções fixas, uma patologia diferente era abordada a cada mês, personalidades do cenário da AACD eram retratadas e os eventos da instituição viravam notícia. Todos figuravam nas páginas do jornal. Bernadete também foi atrás de anunciantes e arranjou uma gráfica para imprimir sem custo. Assim, pais, funcionários e voluntários ficavam a par do que acontecia na instituição como um todo.

O jornal começou a chamar cada vez mais a atenção dos pacientes, inclusive das crianças. “Elas queriam se ver nas fotos da festa junina e de outros eventos”, conta Bernadete, que acabou por criar também “O LirinHO”, um jornalzinho infantil, em formato menor e colorido. Foi nessa época que a mãe voluntária teve a oportunidade de acompanhar Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna, em visita pela AACD. Ao final do tour pela instituição, Bernadete entregou “O LirinHO” para Viviane que, depois de algumas semanas, ofereceu os serviços do mesmo designer que havia desenhado o personagem Senninha para desenhar também o personagem LirinHO. Mais ainda, o Instituto Ayrton Senna foi o responsável por produzir as brincadeiras como jogo dos sete erros e ligue os pontos, entre outras, para a publicação infantil da AACD. Uma parceria calcada em ações voluntárias de todas as partes.



Corrente do Bem

Ao longo da passagem da Bernadete pela AACD, foi criada a Corrente do Bem. Um grupo de voluntários percorria várias redes de ensino da cidade de São Paulo, do jardim de infância às universidades, para apresentar a instituição. “Falávamos sobre o dia a dia dos pacientes na AACD, dávamos dicas de como tratar um colega com deficiência. Os estudantes, de várias idades, ficavam sensibilizados com as histórias e se dispunham a nos ajudar. Eles se interessavam em perguntar sobre uma realidade que a maioria desconhecia”, relembra Bernadete. Ao final das visitas, os voluntários distribuía um cofrinho e pediam para que os estudantes ajudassem a enchê-lo de moedas. A instituição chegou a arrecadar 350 mil reais por ano e fazia a entrega da quantia ao vivo, no programa Teleton.

A AACD chegou a arrecadar 350 mil reais por ano com os cofrinhos que distribuía e fazia a entrega da quantia ao vivo, no Teleton.

Teleton, a maratona do bem

Nos anos 1990, o tesoureiro voluntário da AACD, Clóvis Scripilliti, preocupava-se que a demanda por recursos era maior do que a captação deles. A receita vinda da Oficina Ortopédica, da venda dos cartões de Natal e das doações dos aproximadamente 40 mil mantenedores se mostrava insuficiente para cobrir as despesas. A história da AACD começaria a mudar quando Scripilliti descobriu, no Chile, um programa de televisão que arrecadava dinheiro para o tratamento de crianças e adolescentes com deficiência física, o Teleton.

A história do Teleton pelo mundo

Junção das palavras televisão e maratona, o Teleton foi criado nos Estados Unidos em 1949, com o objetivo de levantar fundos para causas sociais. Em 1966, o comediante norte-americano Jerry Lewis assumiu o programa em prol da Associação de Distrofia Muscular. O modelo entrou na América Latina em 1978, pelas mãos de Mario Kreutzberger, o principal apresentador de televisão chileno, conhecido como Don Francisco. Realizado anualmente, cada evento arrecadava de 15 a 20 milhões de dólares para chilenos com deficiência física.

Entusiasmado com o meio de arrecadação de recursos, Scripilliti convidou o engenheiro Norberto Farina, também voluntário da AACD, para três viagens ao país sul-americano. Na primeira, a dupla conheceu Don Francisco e se admirou ao descobrir que, com a renda obtida no programa, foram construídos seis Centros de Reabilitação em diferentes regiões do Chile. “Ficamos impressionados. Na volta, tentamos convencer nossos pares do Conselho de Administração a fazer algo semelhante”, lembra Farina. “Os conselheiros temiam desgastar o nome da AACD.”

Na terceira viagem ao país de Pablo Neruda, Farina e Scripilliti foram recebidos por Ximena Casarejos, diretora da Fundação Teleton desde 1979, e conheceram mais detalhes sobre a operação televisiva que, no Chile, envolve várias emissoras simultaneamente. A semente do Teleton Brasil, que começava a brotar ali, ainda demoraria alguns anos para germinar e virar realidade.

Os desafios para tirar o projeto do papel

A primeira edição do Teleton no Brasil foi realizada sob a gestão de Décio Goldfarb como presidente voluntário da AACD. Ao assumir o cargo, em 1997, uma de suas metas era modernizar as instalações e ampliar a capacidade de atendimento da associação. Para concretizar esses objetivos, no entanto, ele precisava de recursos. Colocar o programa no ar era fundamental.

O primeiro passo era uma emissora de TV que abraçasse a causa. Goldfarb bateu à porta do SBT com o meio de campo de sua mãe, Rosinha, e da apresentadora Hebe Camargo. “Minha mãe tinha uma amizade de 40 anos com a Hebe e havia sido madrinha de bat mitzvah de uma das filhas do Silvio Santos”, afirma ele. “A Hebe e eu procuramos o Silvio Santos e contamos



Voluntários da AACD no primeiro Teleton, em 1998.



Clóvis Scripilliti, o então tesoureiro voluntário da AACD, foi quem deu os primeiros passos para a realização do Teleton no Brasil.



sobre o projeto. Como ele é uma pessoa extremamente atualizada, já conhecia o Teleton. Explicamos que o programa poderia ser positivo tanto para o SBT quanto para a AACD. Eu disse ao Silvio que ele já tinha realização financeira e familiar. A realização social nós poderíamos fazer juntos.”

“Sou voluntária na fisioterapia infantil há 33 anos. Tenho muito amor pelas crianças e familiares, que acabam se tornando nossos amigos. O que mais me deixa feliz é ver a melhora do paciente. Chego a chorar de emoção. Há uns 15 anos, recebemos pelo SUS um menino de uns 11 anos que tinha sofrido um AVC. A mãe era assídua na terapia e colaborava fazendo os exercícios em casa. O garoto ficou com a gente até seus 19 anos. No dia da alta, essa mãe emocionou a todos, dizendo que, se não fosse a AACD e a terapeuta, o filhinho não teria recebido aquele tratamento de primeira categoria. Esse jovem nunca desistiu dos estudos e ficou com poucas sequelas.”

Daisy Assunção Ripani, 72 anos, empresária, voluntária da AACD Ibirapuera e do Lar Escola São Francisco desde 1998.



Décio Goldfarb leva o Teleton para o SBT e convoca um time de peso para trabalhar. Da esq. para a dir., Waldomiro Carvas, Maurício Bianchi e Francisco Giantaglia.

Em filantropia, não existe a palavra eu, existe nós

Com o aval de Silvio Santos, Goldfarb reuniu um time para ajudá-lo. Segundo ele, quatro voluntários foram fundamentais nessa jornada: Waldomiro Carvas, com forte bagagem de relacionamento e marketing, Francisco Giantaglia, da área de gestão, controle e finanças, o engenheiro Maurício Bianchi, que atuaria na expansão das unidades da AACD, e João Luiz Marques da Silva, atuante no agronegócio e o único, entre eles, com lugar de fala na causa da deficiência, na condição de pai de uma menina com mielomeningocele.

Coube a Waldomiro Carvas, amigo de longa data de Goldfarb, a função de dirigir o projeto. Os desafios para colocar o programa de pé eram enormes, lembra o diretor: “Como convencer patrocinadores a apoiar um projeto que só existia no papel? Como montar equipes? Como fazer artistas participarem gratuitamente de algo inédito? Como produzir conteúdo interessante para 24 horas? O que exibir de madrugada?”.

Aportes financeiros

Um dos primeiros passos foi levantar recursos para contratar pessoas. O dinheiro veio pelas mãos de Lázaro Brandão, então presidente do Bradesco, e de André Beer, vice-presidente da General Motors. “O Clóvis Scipilliti e eu procuramos os dois na cara e na coragem, sem nenhum papel. O senhor Brandão ligou para a secretária e falou: ‘Me faça um cheque de x reais’. Em São Caetano do Sul, sentamos com André Beer e ele também nos apoiou desde o primeiro momento”, rememora Carvas. “Sem aqueles aportes, a dificuldade seria muito grande, porque a AACD não tinha recursos para isso.”

Outro empecilho eram as telecomunicações. “Existia um 0800 que servia para um monte de coisas, mas não permitia doações. Não havia centrais telefônicas capacitadas para receber doações simultâneas. Tivemos que negociar muito com o Ministério das Comunicações e a Anatel para ajustar um modo de receber esse dinheiro”, conta Carvas.

Após cerca de um ano de trabalho envolvendo voluntários da AACD e do SBT, o primeiro Teleton entraria no ar no dia 16 de maio de 1998.

Apreensão e sucesso desde as primeiras edições

No dia da estreia do programa, o time da AACD ainda tinha muitas dúvidas. “E se as pessoas não respondessem aos pedidos de doações? E se a qualidade da programação ao vivo ficasse abaixo das expectativas? A sensação era a de que estávamos nos atirando de um precipício. A única certeza era que todo mundo tinha dado o seu melhor”, afirma Waldomiro Carvas.

Para ele, os minutos que antecederam o início do programa foram os mais marcantes. “O Silvio Santos não tinha decidido se abriria o Teleton ou não. Logicamente, a presença dele daria o aval para tudo que viria depois. Ele se convenceu e fez uma abertura campeoníssima”, recorda-se o diretor.

Às 21h do dia 16 de maio, um sábado, o Teleton foi ao ar. No formato de seus programas de auditório, Silvio Santos entrou ao vivo no estúdio. Ele estava rodeado por crianças com e sem deficiência, vestidas com camisetas que levavam o logotipo do evento, criado *pro bono* pela agência de publicidade McCann Erickson, atual McCann.

“Vocês vão me perguntar: o que é isso?”, provocou o apresentador que, em seguida, explicou por que colocou 26 horas da programação do SBT à disposição da AACD. Em um raro texto escrito de próprio punho, explicou o que era o Teleton e o objetivo: arrecadar 9 milhões de reais, em doações de 5 reais por telefonema.



O cantor Daniel foi nomeado padrinho do Teleton.

Time de peso

O palco reuniu artistas como o cantor Daniel e a apresentadora Hebe Camargo, eleitos padrinhos do Teleton, e nomes como Luciano Huck, Serginho Groisman, Gorete Milagres e o elenco da novela “Chiquititas”. Entre as atrações musicais, estavam Alcione, Charlie Brown Jr., Chitãozinho e Xororó, Chico César, Daniela Mercury e Roberto Carlos, que participou da cidade de Manaus. O tema musical — a canção “Depende de Nós”, de autoria de Ivan Lins — foi cantado por Fafá de Belém.

O programa se estendeu e durou 27 horas, captando 14 milhões de reais, sendo que, na época, 1 real valia 1 dólar. A verba seria destinada à construção de uma unidade da AACD em Recife. “Quando acabou o programa, até o segurança do SBT agradeceu por participar. Os voluntários passaram mais de 24 horas na emissora, com um engajamento que eu nunca tinha visto na vida”, diz Goldfarb.

Diante do sucesso da primeira edição, é claro, o show tinha que continuar. O segundo Teleton, realizado entre 17 e 18 de setembro de 1999, foi transmitido a partir dos estúdios da TV Cultura, com a participação do SBT, da Band e da Rede 21. Silvio Santos e Hebe Camargo novamente comandaram a atração. A meta de 9 milhões de reais, para construir uma unidade da AACD em Porto Alegre, foi mais uma vez alcançada. “Quando a gente atingiu a meta, eu fiquei tão emocionado que levantei do chão o deputado federal Luiz Antônio Fleury. Ele pesava 110 quilos e quebrou duas costelas com o meu abraço”, recorda-se Goldfarb.

Por uma causa muito importante

O então presidente se lembra que, no encerramento do programa, seu filho Ricardo, de 12 anos, lhe pediu desculpas, aos prantos. “Eu perguntei por quê, e ele respondeu: ‘Todos os pais jantavam em casa, enquanto você sempre estava ocupado. Agora eu sei que você estava trabalhando por uma causa muito importante’. Nós dois choramos”, conta. Durante sua presidência, Goldfarb dedicou mais tempo à associação do que aos negócios de sua família, a rede de lojas Marisa. “A AACD é como um filho para mim. Eu agradeço profundamente aos meus irmãos Márcio e Denise por me liberarem da empresa. Eu trabalhava 30% na Marisa e 70% na AACD. Agradeço também à minha mulher, Márcia, que foi a minha mola propulsora”, afirma.

Goldfarb recorda-se do dia em que se despediu da associação. “Eu já estava de saída, dando tchau para as pessoas, quando um garotinho sem as duas pernas e os dois braços me abordou. Ele cresceu na AACD e já tinha feito 13 cirurgias até aquele dia. Ele me disse: ‘Tio, hoje é o primeiro dia que eu vim aqui sozinho de ônibus, porque minha mãe deixou’. Eu entrei no banheiro e chorei até me acalmar”, rememora ele.

“Os voluntários da AACD são pessoas que se doam, que se emocionam a cada pequeno progresso dos pacientes e levam esperança àqueles que muitas vezes só podem contar com a instituição. Nós do SBT nos sentimos como voluntários da AACD, afinal, temos o prazer de organizar e realizar há mais de 20 anos o Teleton, que se consolidou como uma das ações sociais mais importantes do Brasil. São meses de trabalho envolvendo centenas de colaboradores engajados com os temas da acessibilidade e da responsabilidade social. E essa parceria dá certo pois, além de torcermos a cada ano para que a meta de doações seja atingida, temos a certeza e a confiança de que os recursos são efetivamente usados na reabilitação de milhares de pacientes.”

José Roberto Maciel,
vice-presidente executivo (CEO) do Grupo Silvio Santos.



O mascote
Tonzinho surgiu
de conversas entre
a AACD e a fábrica
de brinquedos
Estrela. As vendas
do brinquedo
eram revertidas
para a instituição.

DÉCADA DE 2000

Edificando o voluntariado da AACD pelo Brasil



Seja na construção de novas unidades, na assistência aos paratletas, ao influir em políticas públicas ou nos eventos para angariar fundos e celebrar a vida, os voluntários se empenham com o mesmo amor e dedicação.

No final dos anos 1990, logo após o início do Teleton, que possibilitou um maior fluxo de doações para a instituição, profissionais e voluntários passaram a viajar pelo Brasil para implementar as novas unidades da AACD em várias localidades. Essa ampliação facilitou muito a vida dos assistidos, que não precisavam mais se deslocar pelo país para receber tratamento no Centro de Reabilitação em São Paulo.

Mapeando regiões

Antes de chegar à cidade escolhida para ter uma filial da associação, era preciso fazer um mapeamento da região focado na área da saúde. Isso envolvia desde levantar quantas faculdades de medicina havia — onde vários médicos e fisioterapeutas poderiam ser contratados — até os hospitais existentes para dar suporte e os possíveis voluntários a serem engajados na causa.

Dra. Alice Rosa, fisiatra e superintendente de Práticas Assistenciais da AACD, foi convidada para estruturar e implementar várias unidades. Participava de processos seletivos de médicos e terapeutas, acompanhava a organização dos treinamentos do corpo clínico dentro da Unidade Ibirapuera, em São Paulo, e depois *in loco*, quando se iniciaram as atividades presenciais nas unidades pelo país.

Seleção de voluntários

Junto a essa estruturação das unidades feita pela Dra. Alice Rosa, o voluntariado da instituição entrava em contato com as pessoas da sociedade local a fim de organizar eventos para mostrar o trabalho realizado pelos voluntários da AACD. Somente após essa apresentação começava o processo seletivo dos candidatos a voluntário nas unidades. Depois de escolhidos, eles eram treinados por voluntários da AACD Ibirapuera, que viajavam para cada uma das unidades espalhadas pelo país. Periodicamente, eram também realizados eventos para atualização do corpo de voluntários nas unidades.

Os ventos sopram a favor da AACD na prova de vela, com Bruno Landgraf e Elaine Cunha, nas Paraolimpíadas de 2012, em Londres.

As três fases da política de expansão

A primeira fase começou com a construção dos Centros de Reabilitação edificadas com a renda obtida a cada edição do Teleton, sob supervisão da AACD. A segunda fase se deu com a construção das unidades, compra de equipamentos e seleção de profissionais, também com a arrecadação do Teleton, porém, sob responsabilidade de uma outra organização, as chamadas ARCDs (Associação de Reabilitação da Criança Deficiente), lembra Fernanda Maués, superintendente de Administração e Finanças da instituição. E a terceira fase, consolidada no ano de 2019, chama-se Projeto Parcerias, por meio do qual ONGs já existentes contam com o apoio técnico da AACD para treinar suas equipes e implantar protocolos de atendimento.



Centro de Reabilitação construído em tempo recorde

O valor arrecadado no primeiro Teleton foi suficiente para construir a primeira unidade fora de São Paulo, em Recife, Pernambuco, e fazer uma grande reforma na unidade da Mooca, em São Paulo.

A obra foi assistida pelo engenheiro Maurício Linn Bianchi, voluntário da AACD havia três anos. “Desde o dia em que o Silvio Santos anunciava o local do próximo Centro de Reabilitação, nós tínhamos um ano para escolher o terreno, fazer o projeto, aprová-lo, executá-lo e inaugurá-lo. Sobravam de quatro a cinco meses para a obra”, aponta Maurício.

A pedra fundamental, lançada com a presença da apresentadora Hebe Camargo, tinha o propósito de causar um agito para motivar os moradores e avisar que a AACD estava chegando. No evento de Recife, Hebe perdeu um brinco de brilhantes. “Devia ter umas 400 pessoas no local quando ela levantou a mão e perguntou se alguém havia encontrado a joia. Todos se abaixaram e, em 30 segundos, o brinco apareceu”, conta Bianchi.

O Teleton ajuda a concretizar o sonho de novos Centros de Reabilitação pelo Brasil. Na foto, a madrinha do Teleton, Hebe Carmargo, acompanhada de Dr. Clóvis Scipilliti, Roberto Magalhães (prefeito de Recife de 1997 a 2000) e Décio Goldfarb).



Acima, população do Norte e Nordeste do Brasil se sente acolhida com a inauguração da Unidade Recife.

Acima, à esquerda, inauguração da Unidade Porto Alegre leva esperança para famílias da região Sul.

O sonho da reabilitação no Nordeste

O executivo e ex-presidente da AACD Marcelo Kheirallah ficou impressionado quando fez uma visita à unidade de Recife, onde uma mãe lhe contou que tinha viajado 500 quilômetros para levar o filho à instituição. “Não havia um serviço público no meio do caminho para atendê-la. Para a maior parte dos pacientes, não há recuperação total, mas a reabilitação proporciona uma melhora imensa na qualidade de vida, com mais movimento, liberdade e autonomia.”

O executivo também ficou chocado ao descobrir que muitas crianças chegavam à capital pernambucana sem condição de fazer fisioterapia... por fome. “Os voluntários criaram um café da manhã, com doações de padarias e empresas locais. Quando as famílias chegavam de uma longa viagem, alimentavam-se antes do atendimento”, comenta Marcelo.



A vez de Porto Alegre e Uberlândia

Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi escolhida para abrigar o segundo Centro de Reabilitação fora da capital paulista sob os olhares atentos do voluntário gaúcho Norberto Farina. Com cerca de 2.800 metros quadrados de área útil, a unidade gaúcha foi construída em quatro meses e inaugurada em 11 de agosto de 2000.

No ano seguinte, a AACD chegou a Uberlândia, em Minas Gerais. A obra de aproximadamente 2.400 metros quadrados foi concluída em quatro meses e inaugurada no dia 31 de agosto de 2001. “Os próprios trabalhadores se ofereceram para fazer hora extra sem cobrar. Numa obra dessas, o envolvimento dos trabalhadores é fantástico”, afirma Maurício Linn Bianchi.

No processo de expansão, os voluntários da AACD perceberam que, mais do que implantar um Centro de Reabilitação, o grande desafio era agrupar a comunidade local ao redor das necessidades que projetos dessa natureza têm. Explica Norberto Farina: “As pessoas precisam contribuir, não necessariamente com dinheiro, mas com apoio, conduta, estratégia e inteligência”.

“Eu participei da construção de todas as unidades da AACD pelo Brasil e tenho a satisfação de dizer que elas têm a mesma qualidade da sede central.”

Luiz Oberdan Liporini,
ex-superintendente institucional da AACD.



Lei para adição de ácido fólico em farinhas nasceu por iniciativa da AACD

Por iniciativa do voluntariado da AACD, desde 2002, toda farinha de trigo e milho vendida no país sai da fábrica enriquecida com ácido fólico. Também conhecida como folato, essa vitamina do complexo B presente no bife de fígado e nos brócolis é importante sobretudo para as mulheres em idade fértil, pois auxilia na prevenção da má-formação do tubo neural do feto.

A história começou no ano 2000, quando representantes de dez países latino-americanos que organizam maratonas televisivas beneficentes se reuniram em Miami, nos Estados Unidos. Do Brasil, participaram os voluntários João Luiz Marques da Silva, Waldomiro Carvas e Décio Goldfarb, então presidente da AACD.

O debate sobre o ácido fólico aconteceu em Miami, mas não no evento. “Estávamos dirigindo um carro, quando o Décio Goldfarb, pela primeira vez, perguntou sobre a patologia da minha filha. Queria saber a origem, o que causou e se havia influência genética”, recorda-se Silva. Isabelle nasceu com mielomeningocele, a terceira enfermidade mais atendida pela AACD.

Naquele ano, tramitava em Brasília um debate sobre a adição de ferro em farinhas como prevenção contra a anemia ferropriva, um problema de saúde pública, principalmente entre a população carente. Trata-se de uma estratégia tal qual o flúor na água, que evita cáries, e o iodo no sal, para combater o bócio. A ideia era pegar carona na nova lei e batalhar pela adição também do ácido fólico na farinha. Goldfarb procurou o então ministro da Saúde, José Serra, para apresentar a proposta e foi acolhido. “Ele perguntou o que eu ganharia com aquela mudança. Nada, eu respondi, e ele abraçou a causa de uma maneira gratificante”, recorda-se o presidente.

Incumbido por Goldfarb de batalhar pelo projeto, Silva viajou três vezes à capital federal, onde se encontrou com técnicos da Anvisa e do Ministério da Saúde. “Levamos pacientes da AACD às reuniões e tivemos de mudar de sala, porque os lugares não tinham acessibilidade para cadeiras de



O voluntário João Luiz Marques Silva encampou a luta para a aprovação da lei para adição de ácido fólico em farinhas de trigo e milho, que reduziu o número de casos de mielomeningocele no país.

rodas. Nós ‘causamos’ em Brasília”, conta Silva, com humor. A dedicação valia a pena. “Foi uma ação fundamental para reduzir os casos atendidos pela AACD ao longo dos anos”, diz ele.

“Na AACD, os casos de mielomeningocele diminuíram. Sem dúvida, a prevenção funcionou, principalmente entre pessoas com menor poder aquisitivo. Todo mundo passou a usufruir dessa lei federal. Foi gratificante ter levantado essa bandeira da prevenção em todo o território nacional”, diz Silva.



O casal de voluntários, Edna e Aguinaldo Garcez, incansáveis na preparação e no apoio aos paratletas.

AACD Esportes auxilia na reabilitação de pacientes e leva atletas aos Jogos Paraolímpicos

Estímulos recreativos e esportivos facilitam a transição entre o processo de reabilitação de uma pessoa com deficiência e o seu retorno à vida em sociedade. Na AACD, a prática esportiva é aberta a pacientes de todas as faixas etárias e com qualquer tipo de deficiência física, desde que o médico autorize. São oferecidas modalidades de esporte adaptado como natação, bocha, capoeira, natação artística e tênis de mesa.

“A atividade física aumenta a eficiência e a precisão dos movimentos trabalhados na reabilitação. O esporte adaptado dá ao indivíduo a oportunidade de vivenciar sensações e movimentos impedidos por barreiras físicas, sociais e ambientais”, explica Edna de Moraes Garcez, coordenadora da AACD Esportes e funcionária desde 1984.

Desde 1999, a AACD Esportes oferece a possibilidade também de inserção no esporte competitivo, formando atletas para disputar provas regionais, nacionais e internacionais.

A participação ativa dos voluntários da AACD Esportes

“Eles representam a base do trabalho, especialmente se levarmos em conta a importância do contato social para os pacientes. São pessoas que se doam sem limites e sem esperar por recompensa”, aponta Edna. Ela destaca o trabalho de seu marido, Aguinaldo Garcez, voluntário do setor há 33 anos. “Em 1999, quando os atletas de natação começaram a treinar no Centro Olímpico, ele assumiu a equipe de alto rendimento, organizando treinos, participando de campeonatos e acompanhando os atletas da associação.”

A coordenadora destaca também a dedicação do mestre de capoeira, José Fontaneli Bevenuto, que chegou à instituição depois que o filho começou a receber tratamento na AACD. Há mais de 10 anos, ele comanda a modalidade, enquanto sua esposa é a líder da percussão e o filho, Ivanzinho, joga capoeira.

Outro exemplo é Ricardo Ruck, professor de educação física e proprietário de uma academia de ginástica. Ruck começou a frequentar a associação ao sofrer um acidente de carro e perder o movimento das pernas. Depois de praticar natação e remo, recebeu alta da reabilitação e se tornou voluntário, ministrando treinos de musculação e, posteriormente, de natação. “Mesmo na cadeira de rodas, ele acompanha os atletas de base na borda da piscina”, conta a supervisora.

Segundo Edna, na história do movimento paraolímpico, a primeira participação de um paratleta ligado à AACD foi em 1988, durante os Jogos de Seul, na Coreia do Sul, quando Maria Lucia do Nascimento disputou a corrida em cadeira de rodas. Atletas vinculados à associação também retornaram a edições olímpicas posteriores:

Luciano Luna de Oliveira — Remo

Londres 2012

Paratleta paraplégico, em decorrência de acidente por arma de fogo ocorrido em 1995, iniciou a prática de esportes por meio do basquete em cadeira de rodas. Por sugestão de sua técnica, passou para o remo adaptado na AACD, sagrando-se pentacampeão paraolímpico brasileiro em sua classificação funcional. Nos Jogos Paraolímpicos de Londres em 2012, obteve a 6ª colocação entre os melhores atletas do mundo.

Joyce Fernanda de Oliveira — Tênis de Mesa

Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2020

Paraplégica desde 2002, quando a estrutura de um ônibus caiu sobre ela, Joyce começou a praticar tênis de mesa adaptado, ainda durante o processo de reabilitação na AACD, por sugestão de sua terapeuta. Tornou-se a melhor jogadora do Brasil em sua categoria funcional (Classe 4) e a 8ª no ranking mundial. Após um intervalo na carreira para realizar o sonho de ser mãe, Joyce é atleta da seleção permanente do Brasil.



O paciente voluntário Alex Sandro e a voluntária Carmen Lúcia: amizade que preenche o coração.

Parceria voluntária

“Recebi o diagnóstico de paralisia cerebral aos 4 anos, quando fui encaminhado à AACD. Além de fazer tratamentos na associação, aprendi a nadar e participei de competições. Na natação, conheci a voluntária Carmen Lúcia Arantes, que considero minha segunda mãe. Ela é muito amorosa. Depois de adulto, trabalhei em uma empresa de limpeza e me aposentei, apesar da vontade de continuar trabalhando. Foi aí que Carmen me abriu novamente as portas do voluntariado na AACD Ibirapuera. Há oito anos, sou fotógrafo das visitas monitoradas à instituição. Por incentivo dela, eu me tornei voluntário nos Jogos Paraolímpicos do Rio em 2016. Viajei de avião pela primeira vez e apoiei os atletas de bocha. As pessoas viram que sei trabalhar e que posso ajudar o próximo. Foi uma experiência maravilhosa. Eu amo ser voluntário.”

Alex Sandro Pereira Nunes, 38 anos, aposentado, voluntário na AACD Ibirapuera desde 2014.

“Conheci o Alex Sandro, que chamo de Ale, na natação terapêutica quando ele tinha 13 anos. Sua musculatura era toda comprometida. Acompanhei a sua evolução da terapia para o treinamento e competição no esporte. Com garra e determinação, o Ale foi voluntário nos Jogos Paraolímpicos no Rio de Janeiro. Há cinco anos, tornou-se voluntário também na AACD. Ele conhece a associação como ninguém. Com muito orgulho, eu o chamo de parceiro, amigo, filho. O Ale é o exemplo vivo do progresso na qualidade de vida e da inclusão social promovidos pela AACD.”

Carmen Lúcia Arantes, 72 anos, aposentada, voluntária na AACD Ibirapuera desde 1998.



Eventos, festas e voluntariado

Quem experimenta a atividade voluntária dificilmente vai parar de doar um tempo de si em prol de uma causa que ajude o próximo. Com esse espírito, desde a sua fundação, o voluntariado da AACD promove diversos tipos de eventos e festas, como a festa junina, os chás da tarde, Natal, Páscoa, Dia das Mães, dos Pais e das Crianças, Carnaval, bingos, bazares, caminhadas, cinema, teatro, shows e tantos outros, que trazem os sentimentos de orgulho, pertencimento e motivação.

A alegria corre solta entre pacientes, voluntários, funcionários e convidados nas festas da AACD.



“Minha ligação com a AACD foi de amor à primeira vista. É um sentimento de integração e empatia com os pacientes e, principalmente, uma manifestação de grande amor pelo próximo. Adoro as datas festivas, programadas para animar e trazer um pouco de distração e felicidade para as nossas crianças.”

Lerci Poersch Frigo, 79 anos, aposentada, voluntária desde 2003 em Porto Alegre.



“Em Recife, realizamos o Carnaval nas dependências externas da AACD pernambucana. O evento foi idealizado pelos voluntários com apoio do setor de marketing da instituição. É uma manhã de descontração com a alegria do frevo para nossos pacientes, voluntários e colaboradores. Minha contribuição tem o tamanho da importância que a AACD tem no meu desenvolvimento emocional, social e espiritual.”

José Mário Mendes, voluntário da AACD de Recife desde 1999.



“Falar do nosso Arraial é motivo de orgulho. A festa dá visibilidade para a AACD e faz parte do calendário junino de Uberlândia. Conseguimos levar um público de 4.000 pessoas a cada evento, tudo organizado pelo voluntariado com muita dedicação e alegria. Ninguém mede esforços para tudo dar certo.”

Vera Lúcia Irane Camillo, voluntária da AACD Uberlândia desde de 2007.



“Quando comecei a voluntariar na AACD Mooca, eu estava me tratando de síndrome do pânico. No início, precisava que um familiar me aguardasse do lado de fora da unidade. Em pouco tempo, criei vínculos com pacientes, observando a força, a alegria e a vontade de viver que eles tinham. Esses aprendizados me ajudaram internamente.”

Ana Paula dos Santos, 53 anos, pedagoga, voluntária na Mooca desde 2000.

A modernização do voluntariado da AACD



Voluntários, profissionais, mães e pacientes produziram peças de crochê para decorar o teto de algumas alas da AACD. Quando um paciente passava de maca, podia admirar aquelas mandalas enormes, coloridas e crochetas do projeto Jardim Encantado.

A entidade precisava de um modelo mais enxuto e estratégico para crescer. A profissionalização, que começou pela gestão da AACD, chegou aos voluntários. E a associação cumpriu o seu propósito de modo eficiente, responsável, ético e sustentável.

O modelo de gestão da AACD passou por uma profunda mudança a partir de 2010. Os cargos de diretoria, que eram antes voluntários, foram profissionalizados. “Foi um passo ousado e necessário, e a instituição estava madura para tal. Parte dessa mudança de gestão foi ter um CEO e superintendentes profissionais”, diz a conselheira Maria do Carmo Abreu Sodré Mineiro, que acompanhou a mudança de perto.

A transição do modelo de gestão levou cerca de dois anos para se realizar. Começou na era de Horácio Lafer Piva à frente do Conselho de Administração e foi implementada de fato sob o comando de Regina Velloso Scripilliti. “Durante esse processo, passamos a ter um quadro muito mais claro sobre o funcionamento, os obstáculos e os ajustes necessários aos desafios atuais. A gestão da associação se tornou mais orgânica”, afirma Maria do Carmo.

O estatuto também foi reformulado — ainda na gestão de Eduardo Carneiro — e terminou com a redução do número de conselheiros. Foram criados três conselhos: o Fiscal, o de Administração e o Consultivo. A advogada Flavia Regina de Souza Oliveira, vice-presidente do Conselho de Administração, explica: “Para reconhecer aqueles indivíduos que sempre apoiaram a AACD, foi criado o Conselho Consultivo”. A mudança na gestão trouxe mais agilidade e a AACD deu um salto que pôde ser claramente identificado pelo aumento no número de atendimentos no hospital.

O Conselho de Administração da AACD passou a ser apoiado por comitês, cujos membros também são voluntários. São eles: Auditoria e Riscos, Central-Regionais, Comunicação e Captação de Recursos, Gestão e Finanças, Nomeação e Recursos Humanos. “É uma dinâmica de Conselho de Administração bem profissionalizada, os membros fazem parte de outros conselhos ou da administração de diferentes empresas, contribuindo com experiências múltiplas”, explica Maria do Carmo.

75
Associados

9
Membros do Conselho de Administração

11
Membros do Conselho Consultivo

27
Membros dos Conselhos Regionais

- 1** Mooca
- 7** Osasco
- 3** Recife
- 9** Uberlândia
- 4** Porto Alegre
- 3** Mogi da Cruzes



Claudio Collantonio, superintendente de Desenvolvimento Humano e Organizacional e idealizador deste livro.



A paciente Lamis Taghlebi posa para um retrato em um dos cantinhos do Jardim Encantado, feito especialmente para momentos como esse.

A vez do voluntariado

Depois das mudanças implementadas na gestão da AACD, chegou a vez de o voluntariado se profissionalizar. Esse processo começou sob o comando de Maria Bernadete Palma Marques da Silva e foi implementado de fato a partir de 2015, quando ela entregou o bastão da presidência do voluntariado para Regina Camargo.

“Não era só uma questão de estabelecer regras e mudar um organograma. Era uma mudança de cultura”, relembra Regina. A partir de então, a instituição deixou de ter uma presidência do voluntariado e o líder máximo começou a ser recrutado como um gerente remunerado. O voluntariado passou então a ser da área do Desenvolvimento Humano e Organizacional, cujo superintendente na época era Claudio Collantonio, que incorporava todos os valores de um voluntário.

Regina e seu time revisaram os valores e funções do voluntariado, estabelecendo novos regramentos. Uma das funções dos coordenadores era manter o time motivado. O logotipo do voluntariado foi rejuvenescido, assim como o uniforme. Uma grande pesquisa online também foi feita com os voluntários. Nela, Regina descobriu que três quartos deles procuraram a AACD porque o voluntariado era um valor fundamental em suas vidas. Para ela, foi uma surpresa. “Entre os coordenadores, tinha muita gente como eu, que chegou à instituição porque teve um filho com deficiência física. Para três quartos do voluntariado, a AACD era uma ferramenta para dar um valor maior para a vida. Isso é de uma riqueza enorme, de um valor absoluto”, diz a ex-presidente.

Jardim Encantado

A nova cara do voluntariado foi lançada no projeto Jardim Encantado. Voluntários, profissionais, mães e pacientes da associação passaram três meses produzindo peças de crochê, como um presente pelos 65 anos da AACD. “Era um projeto desenhado para dar vida aos valores do voluntariado, como alegria, doação e solidariedade”, afirma Regina. Ela também se lembra com carinho do programa chamado “Posso dar uma força?”, no qual homens e mulheres foram treinados para tirar pacientes do carro e da maca e colocá-los em cadeiras de rodas, o que eles chamam de transferência.

Na trilha do voluntariado contemporâneo

Em 2019, o voluntariado da associação passou a ter uma coordenadora nacional contratada, Thaís Vieira Ferreira. Ela entrou na AACD para coordenar as oito unidades da instituição, com cerca de 1.200 voluntários, espalhados pela cidade e Estado de São Paulo, Recife e Porto Alegre. “Quando cheguei à instituição, encontrei uma gestão profissional, com mapeamento dos setores, entrega de resultados e comprometimento por parte do voluntariado. Hoje, os atendimentos são uniformizados, a rotina dos trabalhos e a descrição de atividades são bem estabelecidas. Tudo para preparar a instituição para a certificação ISO e seguir rumo ao futuro”, explica Thaís.

“Muitos pacientes vivem em macas e a visão deles é apenas o teto. Quando me dei conta disso, desejei que o teto da AACD fosse transformado em um espaço acolhedor e lúdico. E para celebrar os 65 anos da instituição, um coletivo de mulheres crocheteiras foi chamado para decorar o teto da rampa da associação, em um projeto chamado Jardim Encantado. No primeiro dia de exposição, cheguei cedo à AACD e fiquei observando a reação dos pacientes ao olhar aquelas mandalas enormes, coloridas e crochetas. Quando passou a primeira maca, chorei de emoção por sentir que conseguimos colaborar, através da arte e da união de muitas mãos, para aquela pessoa ter um dia mais feliz e colorido.”

Fernanda Mafra Cabral, 34 anos, arquiteta e designer, voluntária da AACD Ibirapuera desde 2012.

“Eu era voluntário, mas me dedicava à entidade com obstinação empresarial, indo todos os dias de segunda a sexta, sentia um imenso prazer. Para mim, voluntariar é estar em conexão direta com o divino. Uma criança chegou à AACD rastejando sobre um skate e depois foi à minha sala caminhando sobre duas próteses. Ao ver aquela cena, era como se eu estivesse conectado a Deus por um fio, operando a Sua obra.”

Eduardo Carneiro, ex-presidente voluntário da AACD.

Lar Escola

Incorporada à estrutura da AACD em 2012, a unidade Lar Escola procura favorecer o desenvolvimento das potencialidades de cada estudante. As ações propostas consideram seu ritmo, estilo de aprendizagem e necessidades específicas. O programa também busca fortalecer a parceria entre escola, família e voluntários, estabelecendo uma comunidade educativa.

“Sempre trabalhei no setor escolar como auxiliar das professoras. Cada sala de aula tem alguns voluntários para ajudar a maioria dos alunos com deficiências graves. É uma atividade divina, pois ficamos anos com as mesmas crianças e, com o passar do tempo, elas confiam muito na gente”, conta Lucinda Cariola Corrêa da Costa, professora e voluntária no Lar Escola São Francisco desde 1991.

O programa tem supervisão da Diretoria de Ensino da Região Centro-Oeste, vinculada à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.



São oferecidos cursos de Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano, nos períodos matutino e vespertino.

Além da grade curricular tradicional, são realizadas atividades socio-culturais que trabalham competências e habilidades fundamentais para o exercício da cidadania, a construção da autonomia e a qualificação para o mercado de trabalho.

Pautado nos princípios de igualdade, liberdade e respeito à dignidade humana, o setor escolar da AACD visa promover a inclusão social e o desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes com deficiência física.

Centro de Pesquisas Clínicas

A unidade da AACD Lar Escola abriga também o Centro de Pesquisas Clínicas em doenças que afetam o movimento, criado pelo reumatologista Morton Scheinberg, especialista em doenças reumáticas com componente autoimune. “A convite de Décio Goldfarb, comecei a prestar um trabalho de assessoria científica para a entidade”, conta o médico.

O Centro de Pesquisas da AACD Lar Escola reúne um grupo de funcionários que coordenam as pesquisas. Quando há um estudo, pacientes participam voluntariamente, a partir de um termo de consentimento regulamentado pela Anvisa. “Graças à sua reputação e produção científica, a AACD é procurada por centros internacionais para avaliar novos produtos que podem beneficiar a manutenção do movimento”, explica Scheinberg.

Segundo o médico, a AACD tornou-se um centro de referência conceituado no país e procurado por laboratórios internacionais para pesquisas em artrite, artroses e doenças musculares de natureza autoimune. Diz ele: “Uma vez que o Brasil é escolhido para avaliar algum produto dentro desse escopo, somos sempre consultados sobre um eventual interesse em fazer esse tipo de estudo”.

Voluntariado em família

A história da família Bebiano é de superação e dedicação ao trabalho voluntário. A professora Maria José Bebiano, 59, entrou na AACD como mãe de paciente. Relatou em procurar a instituição porque não queria aceitar que a filha era uma criança com deficiência. Aos 5 anos, Helena já tinha feito duas cirurgias e, até então, a família achava que o diagnóstico era paralisia cerebral. “A chegada à associação foi muito dolorosa, porque eu tive que encarar o meu próprio preconceito e o medo do desconhecido. Logo na recepção, fui bem acolhida por voluntários. Foi um carinho que fez a diferença para o meu coração”, recorda Maria José.

A família descobriu que Helena era portadora de uma síndrome rara chamada paraplegia espástica familiar tipo 4, que afeta os músculos, no caso dela os das pernas. A menina fez operações e tratamentos de primeira linha, enquanto a mãe aprendia com os terapeutas a continuar o tratamento da criança em casa. Maria José teve uma terceira filha, Beatriz, que nasceu com a mesma síndrome da irmã e também foi operada e fez tratamentos na AACD.

“Um dia, eu estava sentada aguardando o horário da fisioterapia, quando Helena, então com 11 anos, leu um cartaz pedindo voluntários para uma ação. Com o olho marejado ela me disse: ‘Mamãe, está na hora de a gente retribuir o que estão fazendo por mim. Você pode ajudar?’”, lembra Maria José. Sem saber no que ia trabalhar, a mãe foi recrutada para participar da primeira edição do Teleton, em 1998.

Voluntariado de carteirinha

Hoje, Maria José é coordenadora do voluntariado na Unidade Ibirapuera e também no Teleton. Dentre todas, a função preferida da mãe voluntária é recepcionar pacientes e familiares. “Eu sei como é difícil estar no lugar deles, por isso gosto de acolher as pessoas, dar informações, levá-las aonde precisam ir, oferecer uma cadeira de rodas ou cuidar de uma criança enquanto a mãe vai ao banheiro, porque muitas não têm tempo nem para isso”, explica.

Da mesma forma que a filha mais velha, Helena, pediu para ser voluntária, Maria José pediu também para Beatriz, a mais nova, ser voluntária na AACD. Graças à instituição, as filhas puderam se reabilitar, estudar e trabalhar.

De mãe para filhas

“O trabalho transformador que minha mãe realiza na AACD com tanto amor, acolhendo pacientes e suas famílias, é importante para a instituição, mas, principalmente, para toda a minha família”, conta a filha mais velha da família Bebiano.

Em 2009, Helena também sentiu que era hora de retribuir e agradecer por tudo o que a instituição fez por ela e se tornou voluntária.



Da esq. para a dir.,
Helena, Maria José
e Beatriz Bebiano.

“Não há tristeza na AACD, apesar de cada um de nós, pacientes, carregarmos um pouquinho das nossas dificuldades. No momento que eu entro na instituição, como voluntária ou paciente, sinto esperança. Esperança em saber que a ciência avança todos os dias para que melhoremos sempre, esperança de tornar o mundo um pouquinho melhor e, principalmente, esperança de que a AACD possa atender ainda mais crianças e adultos”, finaliza Helena.

Em 2012, Helena e Beatriz Bebiano abriram o Teleton contando a história familiar em homenagem à mãe Maria José. “Foi muito importante poder mostrar a todos como a AACD mudou as nossas vidas e me fez admirar ainda mais todo o carinho dedicado pela minha mãe ao seu trabalho”, conta.

Para Beatriz, a filha mais nova, o voluntariado é o alicerce da AACD, onde os voluntários estão sempre envolvidos em todas as ações e áreas da associação, tanto com os pacientes como na administração e burocracia. “A gente se doa e recebe alegria, carinho, atenção e muito amor como retorno, multiplicado exponencialmente. O sorriso na carinha dos pacientes é o melhor e maior combustível para o trabalho”, descreve Beatriz sobre sua participação como paciente e voluntária.

Filantropia em família



Maria do Carmo

A ligação de Maria do Carmo Abreu Sodré Mineiro com a filantropia e com a AACD é antiga. Sua mãe, Maria do Carmo Mellão de Abreu Sodré, criou o Fundo Social de São Paulo, em 1968, quando era primeira-dama do Estado. Já seu pai, o ex-governador Roberto Costa de Abreu Sodré, foi presidente voluntário da associação e do conselho. “Em 1972, quando eu cursava comunicação, meu pai perguntou se eu poderia ajudar a AACD a ter outra abordagem de comunicação. Eu era inexperiente, estava no segundo ano da faculdade, mas dei algumas ideias e trabalhei voluntariamente por três anos. E encontrei um discurso que fosse mais atual para a época”, lembra ela, que retornou à entidade como convidada a integrar o Conselho Consultivo voluntário, assim como todos os associados da instituição. “O voluntariado está na gênese da AACD e, sem ele, a associação não teria a mesma cara”, diz Carmo. Para quem a indaga sobre qual o melhor trabalho voluntário a ser feito e por onde começar, a conselheira responde: “O trabalho voluntário tem que ser o possível para cada um. Inicie pelo seu entorno. Veja na igreja, na associação de bairro ou em alguma ONG que atue na região. É preciso ter uma experiência até a pessoa encontrar o seu lugar e descobrir como e onde pode contribuir melhor”, conclui Maria do Carmo Abreu Sodré Mineiro, associada da AACD e vice-presidente do Conselho de Administração.



Lei do voluntariado protege instituições sem fins lucrativos

Quando ingressou no voluntariado da AACD, em 1998, fazendo companhia para pessoas hospitalizadas, Flavia Regina de Souza Oliveira se recorda de ter assinado um termo de trabalho voluntário de acordo com a lei 9.608, promulgada naquele ano.

No termo, há o descritivo da função, o tempo dedicado por semana e o horário de trabalho da pessoa. “A Lei do Voluntariado trouxe a garantia para instituições sem fins lucrativos de que esse trabalho não gera vínculo empregatício”, explica Flavia, que se tornou vice-presidente do Conselho de Administração. “Hoje, isso é algo muito claro no terceiro setor, mas naquela época não era.”

Segundo a advogada, o termo também gera compromisso por parte do voluntário. “Existe uma pessoa do outro lado que depende do voluntário para as coisas acontecerem. Se por algum motivo eu não pudesse ir à AACD em um sábado e não avisasse antes, um grupo de pessoas ficaria na mão, esperando por mim. A lei trouxe uma segurança para as organizações sem fins lucrativos e um senso de responsabilidade por parte do voluntário. Isso fez com que as organizações comessem a organizar suas áreas de uma forma muito mais eficiente e efetiva”, explica.

Da esq. para a dir., Norberto Farina, Walter Teixeira, Regina Velloso, Dra. Flavia Regina de Souza Oliveira, Dr. Antranik Manissadjian e Maria do Carmo Sodré Mineiro.



A ação “Meu amigo igual a mim”, premiada pelo selo Planetree de humanização, veste e adapta bonecos à realidade de cada criança.

Os voluntários e a humanização

Um atendimento humanizado é aquele que pressupõe a união entre a qualidade do tratamento técnico e o relacionamento entre paciente, familiares e equipe ao longo do tratamento até a alta.

Assim como as empresas têm o selo de qualidade ISO, Andrea Basgal, coordenadora do Programa do Cuidado Centrado na Pessoa conta que, no ambiente da saúde, foi criado o selo chamado Planetree, que certifica entidades que tratam o paciente com um olhar de carinho e atenção, assim como cuidam de quem cuida, seja o profissional da saúde ou o familiar.

Na sua jornada de melhoria contínua na qualidade, segurança e excelência no cuidado centrado na pessoa, a AACD recebeu as certificações Qmentum International, em 2018, e Planetree, nível Prata, em 2019, o que a equiparou a instituições de referência do mundo todo.

Fortalecer a participação do paciente no cuidado, colocando-o cada vez mais ativo nas decisões e responsabilidades acerca do seu tratamento e dos projetos de bem-estar para os funcionários e voluntários da organização, está entre as ações prioritárias em andamento, comenta Andrea.

“Nosso trabalho de voluntariado na AACD foi focado nas mães dos jovens e crianças. Devido às deficiências de seus filhos, essas mães foram perdendo a própria identidade a ponto de, quando perguntávamos quem elas eram, nunca dizerem o seu próprio nome, mas sim responderem que eram mães de fulano... Com o trabalho voluntário de resgate da individualidade e através de cursos, psicólogos e uma fonte de renda, essas mães foram se descobrindo e desenvolvendo qualidades que não sabiam possuir e adquiriram uma nova forma de encarar a vida”, conta a voluntária Lucinha Whitaker Vidigal.

Cuidado humanizado

A AACD considera o cuidado humanizado um elemento importante para promover o bem-estar do paciente durante todo o tratamento, o que influencia diretamente na sua recuperação. A instituição — seguindo as diretrizes do Programa de Humanização Internacional Planetree — treina as equipes assistenciais com técnicas para o cuidado centrado na pessoa e desenvolve periodicamente campanhas focadas em humanização.



“Voluntariar não é só ir à AACD. É também ajudar qualquer um na rua, auxiliar o vizinho a carregar compras ou amparar um deficiente visual para atravessar a rua. Já voluntariei em outras instituições, mas na AACD a recepção e a preocupação conosco é maravilhosa.”

Neusa Kimura, 56 anos, fisioterapeuta, voluntária na AACD Ibirapuera desde 2016.

Ações orientadas pelo programa Planetree

“O QUE IMPORTA PARA VOCÊ?”

Profissionais perguntam para pacientes o que os deixaria felizes e procuram proporcionar isso a eles, como a visita de uma netinha à avó internada ou um café da manhã especial;

YOGA PARA AS CRIANÇAS

Destinada a crianças e seus acompanhantes. Pode ser realizada entre as terapias enquanto as crianças estão na AACD;

PROJETO TSURU

Oficina de origami inspirada no tsuru (pássaro símbolo de saúde e longevidade). As aulas são dadas por uma paciente do Centro de Reabilitação e os origamis são entregues aos pacientes do hospital;

MÚSICA, ARTE E ENTRETENIMENTO

Atividades como visitas de palhaços e cães treinados e o projeto “Cantar para Sarar”;

ESPIRITUALIDADE

Distribuição de mensagens de fé e otimismo no Cantinho da Espiritualidade, momentos de orações e visitas dos capelães aos pacientes internados;

SEMANA DA CRIANÇA

Sessão pipoca e piquenique para as crianças, teatro “A Bela e a Fera” e outras atividades interativas para pacientes e acompanhantes;

MACA ESPACIAL

A equipe do Centro Cirúrgico, em parceria com o SBT do Bem, transformou uma maca em nave espacial para transportar os pacientes até a sala de cirurgia, humanizando o caminho das crianças pelo hospital.

“MEU AMIGO IGUAL A MIM”

A ação “Meu amigo igual a mim”, premiada pelo selo Planetree de humanização, veste e adapta bonecos à realidade de cada criança. O objetivo é fazer com que todos se sintam representados e incluídos. E, para conscientizar sobre a importância da proteção, os brinquedos agora usam máscaras também.

“Uma vez, entrei num quarto e uma criança de 5 anos estava chorando. Para distraí-la, eu imitei um latido e brinquei que tinha um cachorro ali dentro. A criança se acalmou. Dois anos depois, encontrei por acaso esse menino no elevador e ele me pediu: ‘Faz o cachorro?’. Foi a coisa mais linda.”

Lys Rosso, 82,
voluntária desde 1996.



A equipe do Centro Cirúrgico, em parceria com o SBT do Bem, transformou uma maca em uma nave espacial para transportar os pacientes.



“Trabalho na associação aos sábados, visitando as pessoas internadas. Observo o que o paciente gosta de fazer e brinco com eles. Procuo dar apoio aos familiares e acompanhantes, deixando-os mais fortes e confiantes durante o período do tratamento.”

Ricardo Cinquini, 54 anos, engenheiro mecânico, voluntário desde 2014.



“Ser voluntário em uma instituição séria, ética e preocupada com a inclusão social como a AACD é uma satisfação. Ser voluntário é doar um pouco de nosso amor e carinho em busca de um mundo mais humano e que acolha a diversidade.”

Carlos Alberto Mesquita,
do Conselho Consultivo Regional da Mooca, São Paulo.



À esq. Belle, paciente e voluntária da AACD desde pequena, e Bruce (à dir.), o cão labrador treinado por uma ONG para ajudar na reabilitação dos pacientes.

“A AACD é a minha segunda casa”

Ela tem mais cirurgias do que anos de vida. Em suas 28 primaveras, Isabelle Palma Marques da Silva, ativista dos direitos da pessoa com deficiência na moda, já se submeteu a 34 operações. “Vaso ruim não quebra”, brinca ela, frisando não ter medo de encarar o bisturi. Isabelle nasceu com mielomeningocele, uma má-formação congênita na coluna vertebral, medula espinhal e canal da medula. Desde pequena, ela se locomove com cadeira de rodas, o que não a impediu de praticar balé e se apresentar com as colegas de classe na primeira edição do Teleton, em 1998.

Adolescente voluntária

Depois de passar por diversas terapias na AACD, tornou-se voluntária da instituição, participou do curso de formação e foi trabalhar no setor de terapia animal. Por dois anos, ela passeava pelos corredores da Unidade Ibirapuera (exceto pelo hospital) com Bruce, um cão da raça golden retriever adestrado por uma ONG. “As pessoas podiam brincar com ele, fazer carinho e tirar fotos. Os terapeutas diziam que a melhora dos pacientes daquele horário era notável”, lembra ela.



Na passarela, a paciente Nathalia de Castro Lopes desfila com roupa criada pela estilista Andressa Salomone.

O engajamento com a moda inclusiva

Em 2018, Isabelle dedicou-se a uma causa mais ambiciosa: um desfile de moda inclusiva. A ideia partiu da estilista Andressa Salomone, sua amiga de infância. “Provei um vestido dela que adorei. Expliquei para a Andressa que a roupa era inclusiva, porque consegui me vestir sozinha. Uns seis meses depois, ela pediu a minha ajuda para lançar uma ‘coleção cápsula’ de moda inclusiva”, conta. Paraplégica, Isabelle conhece todas as dificuldades de uma pessoa com limitação motora para colocar uma roupa.

A coleção foi lançada em um desfile com lucro revertido à AACD. Isabelle fez o casting dos modelos, formado por pessoas com deficiência — a maioria pacientes da instituição — e outras pessoas públicas sem deficiência que também desfilaram. Desde então, Isabelle trabalha com moda inclusiva, que luta para que a pessoa com deficiência possa vestir o que ela quiser, não apenas o que ela pode. “Eu tive o privilégio de estar na AACD desde pequena. Eu quis trabalhar com inclusão para devolver um pouco ao mundo o que ele me deu e fazer a minha parte para facilitar a vida de toda a comunidade com deficiência, não só a minha”, diz. “As pessoas me perguntam o que a deficiência me impediu de realizar. Eu digo que nada. Sempre aprendi nas minhas duas casas, que é aquela onde eu moro e a AACD, que posso fazer o que eu quiser. Se eu não puder, vou entender o porquê. O paciente da AACD não fica sem resposta.”



“Na AACD, vivo a minha primeira experiência como voluntária. Ganho um crescimento pessoal incrível, com muito aprendizado sobre o desapego e a empatia. Um evento que me emocionou foi um desfile de moda inclusiva organizado pela estilista Andressa Salomone. Me tocou muito ver a felicidade em cada olhar de quem desfilou.”

Rosana Aparecida Barbosa de Souza, 50 anos, investidora, voluntária na AACD desde 2018.

O desafio do voluntariado

Na pandemia, união de forças: 32 profissionais, entre médicos e enfermeiros, juntam-se ao Hospital das Clínicas para trabalhar no enfrentamento da Covid-19.



O trabalho voluntário no futuro pós-pandemia, os diferentes modelos de voluntariado como ferramenta para uma sociedade inclusiva, o combate ao capacitismo e os passos para se tornar voluntário na AACD.

Até o fim de 2019, 6,92 milhões de brasileiros praticaram algum tipo de trabalho voluntário no Brasil, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Essas pessoas que se dedicam a ajudar o próximo precisaram se reinventar em 2020, quando o contato físico, tão importante em atividades como essa, foi restringido por conta da Covid-19.

Cuidadores de idosos, contadores de história, pessoas que distribuem doações à população de rua e os voluntários da AACD que auxiliam os pacientes e profissionais tiveram de parar, pensar e criar diferentes formas de continuar o trabalho.

AACD voluntariado na pandemia



Logo no início da pandemia, o Conselho de Administração da AACD montou um comitê de crise. Uma equipe voluntária de médicos da associação foi deslocada para o Hospital das Clínicas. Eles passaram 60 dias lá, ajudando no combate à Covid-19. Como o hospital da AACD é especializado e recebe pacientes com baixa imunidade, não pode tratar pessoas com coronavírus. “Foi uma forma de a instituição ajudar na pandemia. Criamos também uma Oficina Ortopédica móvel, em parceria com a Prefeitura de São Paulo, para fazer pequenos ajustes em próteses e órteses, sem que os pacientes precisassem se deslocar até a unidade”, conta o presidente Carlos Scripilliti.

Voluntárias da AACD, como Yone Cunha, confeccionaram 8.000 máscaras na quarentena.

“Quando a pandemia chegou, e com ela as regras de isolamento, a primeira medida adotada pela instituição para proteção e prevenção foi o afastamento dos voluntários, em março de 2020”, lembra Thaís Vieira, coordenadora nacional do voluntariado da AACD. Mesmo à distância, eles tiveram um papel fundamental, participando da produção de 8.000 máscaras de tecido, doadas pela instituição, que foram distribuídas em todas as unidades da AACD.

Conexão no isolamento social

A gestora do voluntariado nacional, Thaís Vieira, comenta que o distanciamento social e a falta de contato pessoal foram o mais difícil para parte dos 1.200 voluntários. Para ajudá-los, a instituição inovou e criou diversas atividades para mantê-los ativos à distância. “Algumas ferramentas digitais foram importantes para garantir a comunicação, a interação e a proximidade com os nossos voluntários”, comenta Thaís.

Com o desafio de manter os voluntários engajados apesar do distanciamento social, surgiram algumas iniciativas, como o bate-papo com o CEO Valdesir Galvan sobre o atual cenário que a AACD e o mundo vivem, um café da manhã com a gestora Thaís Vieira, e lives sobre autocuidado e Setembro Amarelo (campanha de prevenção ao suicídio). Também foram realizados workshops sobre saúde mental, cursos de artesanato, aulas de dançaterapia e yoga e os projetos Você na Cozinha e Microfone Aberto. Grandes sucessos entre essas atividades foram o quiz de conhecimentos gerais sobre a história do voluntariado e o projeto Autocuidado, com dicas semanais sobre como lidar com o isolamento social. Para manter acesa a chama das festas juninas, a AACD realizou a festividade de forma remota, por meio de vídeos.

“Durante a pandemia de Covid-19, quis usar o meu tempo livre para ajudar o próximo. Eu me inscrevi no processo de voluntariado da AACD e tive a sorte de ser designada para trabalhar na fisioterapia infantil. É a melhor parte do meu dia”, conta Stephanie Grundel Misiuk, 20 anos, estudante de psicologia, voluntária na Unidade Ibirapuera desde 2020.

O voluntariado no mundo pós-pandemia

“O mundo será diferente do que existia antes da pandemia”, aponta o vice-presidente voluntário do Conselho de Administração, Jackson Schneider. Para ele, a AACD não tem o que temer, pois já está discutindo avanços nas áreas de inovação, tecnologia, pesquisa e expansão de seus atendimentos, inclusive do voluntariado. “É claro que ela também está sendo afetada pelo ambiente pandêmico. Mas isso passa. Tanto passa que nós estamos anunciando a expansão do hospital”, diz o vice-presidente voluntário.

Para Maria do Carmo Abreu Sodré Mineiro, vice-presidente voluntária do Conselho de Administração, o espírito voluntário estará cada vez mais no radar das pessoas. “Elas sentem que precisam contribuir com a sociedade, seja com tempo, com dinheiro ou com ações pontuais”, explica.

Mas será que o perfil do voluntariado permanecerá o mesmo?

“Olhando o cenário atual de voluntários da AACD, devemos ter uma mudança de estilo”, explica Thaís Vieira. Hoje, cerca de 70% dos voluntários têm acima de 60 anos, com tempo de casa entre 10 e 15 anos e são um público majoritariamente feminino. “Por outro lado, cada vez mais os jovens estão procurando atividades voluntárias pelo mundo. Contudo, essa procura ainda não é tão significativa na associação, mas está começando a ganhar corpo.”



Na pandemia, através de plataformas digitais, a AACD criou ações para manter o voluntariado conectado.



Stephanie Grundel Misiuk, voluntária na Unidade Ibirapuera.

“Na AACD, cada real alocado de seus acionistas causa benefícios sociais proporcionais. Fisioterapia, operações, próteses, órteses efetivamente melhoram a vida do paciente. Sócios, associados e doadores devem saber disso para sentir pertencimento, orgulho e respeito pela entidade.”

Horácio Lafer Piva



Horácio Lafer Piva, ex-presidente do Conselho de Administração

Mais profissional, mas sem perder a ternura

Há 70 anos, a AACD se sustenta sob o pilar do voluntariado, e isso não deve mudar no futuro. Para Horácio Lafer Piva, ex-presidente voluntário da associação, no entanto, a tendência é que essas pessoas se especializem. “O voluntariado está se tornando cada vez mais profissional, no sentido de também ter compromisso com o resultado. É um trabalho que mistura consciência e sentimento”, diz ele.

Para Piva, esses indivíduos precisam ser treinados para ter conhecimento sobre a atividade que vão desempenhar. Além disso, devem trabalhar como um time organizado e liderado, ciente das atribuições de cada um. Quanto melhor a estrutura, melhor o resultado. “A AACD depende muitíssimo do voluntariado, não só por uma questão dos recursos, mas pelo grau de dedicação dessas pessoas, de uma honestidade absoluta. O voluntariado tem o amor por servir e isso faz a diferença em uma entidade como essa”, afirma.

“Quando você entra na AACD, é difícil sair, porque a causa é apaixonante. Agentem vontade de estar próximo para contribuir e ver o resultado. A gente certamente ganha muito mais do que doa.”

Jorge Arnaldo Maluf Filho, voluntário e vice-presidente do Conselho de Administração da AACD.



Voluntariado empresarial

O exemplo pode ser a melhor maneira de propagar a cultura do voluntariado. Quando João Carlos Brega, presidente da Whirlpool, engajou-se como voluntário da AACD, o resto da empresa abraçou a causa.

Brega abriu uma vaga na apertada agenda para fazer parte do Conselho de Administração da instituição, interessado em contribuir com o terceiro setor. Pai de uma filha com síndrome de Down, ele é entusiasta da diversidade como ferramenta para uma sociedade inclusiva e usa o networking para buscar pessoas e patrocínios que ajudem a associação a cumprir sua missão.

O executivo conta que, a partir de seu exemplo, outros funcionários quiseram doar seu tempo para a AACD. Segundo Brega, cerca de 50 colegas se reuniram para participar das festas juninas beneficentes da associação.

Já para Fernanda Maués, superintendente de Finanças da AACD, a experiência de voluntariado continuará gerando impactos relevantes e positivos para a sociedade. “Acredito que cada vez mais as pessoas e as empresas terão consciência da sua responsabilidade social e seguirão doando seu tempo, trabalho e talento de forma espontânea à causa da AACD, que possibilita a transformação na vida de tantas pessoas.”

Fernanda diz não ter dúvidas de que, em um futuro breve, a atuação de grandes empresários e executivos de forma voluntária no âmbito da governança será cada vez mais voltada à estratégia, que a tecnologia possibilitará um maior número de ações voluntárias pontuais, inclusive em projetos, e que a empatia e o acolhimento dos voluntários ao público atendido continuarão a ter um papel fundamental, fazendo a diferença de sempre.



Voluntariado amplificado

A causa do voluntariado também pode e deve ser ampliada dentro das corporações. “A empresa precisa fazer um esforço para que seus funcionários abracem uma causa”, comenta Horácio Lafer Piva. Ele defende também que as corporações mantenham um percentual do seu resultado para doações, cada um no seu tamanho. “No ponto de vista da consciência social, eu sou otimista. O brasileiro de uma forma geral é solidário”, finaliza.

Funcionários da Consul exercem o voluntariado empresarial nas festas da AACD.



A vice-presidente voluntária do Conselho de Administração, Regina Helena Scripilliti Velloso, diz que a melhor herança que seu pai lhe deixou foi ter aberto as portas da AACD para ela.

“A AACD é o meu terceiro filho”

Durante anos, Regina Helena Scripilliti Velloso ouviu seu pai, Clóvis Scripilliti, falar sobre a AACD. Mas foi só em 2000 que Regina pediu que o pai a levasse para conhecer a instituição. O tour, na companhia do então administrador Luiz Oberdan, nunca mais saiu de sua cabeça e de seu coração.

“Eu resistia em ir para AACD e fazer trabalho voluntário por achar que não teria tempo e por não me considerar psicologicamente pronta para lidar com a tristeza que eu imaginava existir lá. Mas o que eu vi naquele dia foi exatamente o oposto: superação e sorrisos”, lembra Regina.

Ela começou a se dedicar voluntariamente à instituição e nunca mais parou. “A AACD é o meu terceiro filho”, diz ela, que passou pela diretoria, pelo conselho, pela presidência e, em 2021, foi empossada vice-presidente voluntária do Conselho de Administração, na gestão comandada por seu irmão, Carlos Eduardo Moraes Scripilliti.

Regina comenta que um dos grandes desafios da AACD no futuro é rejuvenescer o voluntariado. Para ela, um comitê formado por jovens poderia olhar para a associação como um todo, fazer sugestões, buscar soluções e identificar problemas. “Devemos trazer gente com energia de transformação, que queira realmente se envolver com a causa. O importante é que os voluntários sejam produtivos. A gente precisa ter foco no voluntariado proativo, que pode trabalhar fora da AACD em captação de recursos ou dentro, na área administrativa ou junto com os pacientes.”

De acordo com Regina, a melhor herança que seu pai lhe deixou foi abrir as portas da AACD para ela. “Trabalho pela associação há 21 anos e ainda me sinto em dívida, porque ela me transforma diariamente”, diz. Ela se recorda que, quando começou a voluntariar na entidade, as reuniões começavam às 7 horas da noite. “Eu chegava em casa às 11 horas me desculpando com os meus filhos. Minha filha tinha 15 anos e me disse: ‘Pare de pedir desculpa. Você chega com um brilho nos olhos que não precisa dizer mais nada. A gente sabe que você está fazendo alguma coisa muito legal. Quando chegar sem esse brilho, aí sim você precisa se desculpar com a gente’”, lembra a vice-presidente.



“Foi um grande prazer virar a mesa nessa crise com a pandemia, além de um aprendizado sobre a união entre os profissionais e os voluntários. Quando você dedica parte do seu tempo ao outro, passa a dar mais valor à vida. Eu recomendo a todo mundo ter uma atividade ligada ao terceiro setor, em qualquer nicho.”

Luiz Felipe Kok de Sá Moreira Filho, vice-presidente do Conselho de Administração e voluntário desde 2003.



A importância do Teleton 20 anos depois

Após mais de duas décadas no ar, o Teleton revelou-se um veículo para a inclusão de pessoas com deficiência física no Brasil. “O programa foi inicialmente criado para captar recursos e expandir a atuação da AACD para outras cidades e Estados. Com o tempo, ele se mostrou mais importante do que isso. O Teleton levou para a sociedade a discussão sobre os desafios dessas pessoas e de seus familiares. A vida de pai e mãe de uma criança com deficiência pode ser muito complexa, dependendo do grau da lesão do paciente”, afirma Edson Brito, superintendente de Marketing e Captação de Recursos da instituição desde 2018.

Organizar um Teleton é uma tarefa que demora meses. “É igual ao Carnaval. Acabou um ano, a gente já está pensando no próximo”, brinca o superintendente. “Quando cheguei na AACD, fiquei impressionado com esse trabalho. Ter um programa que seja transmitido ao vivo por 24 horas requer uma infraestrutura parruda e sincronizada.”

Brito enfatiza que o voluntariado tem um papel essencial na realização da maratona televisiva. Em 2019, 158 voluntários da AACD participaram da edição, revezando-se em turnos de quatro horas, inclusive de madrugada. E não foram só eles que doaram seu tempo para o programa. Pacientes da instituição e funcionários da AACD e do SBT, a emissora que transmite o Teleton, também se dedicam voluntariamente todos os anos.

Artistas consagrados e sempre presentes no Teleton: Tiago Abravanel, Ivete Sangalo, Eliana e Daniel.



Equipe coordenada pela voluntária Maria José Bebiano na produção do Teleton.

Produção do Teleton

Silvana Andreozzi, analista de captação de recursos da AACD, explica que os voluntários começam a ser recrutados seis meses antes. Após um sorteio, é definida a lista dos pacientes que participarão do programa. Em seguida, uma equipe de voluntários começa a montar a logística para estabelecer horário e local de transporte de cada paciente aos estúdios do SBT.

Paralelamente, é definido o local de ação de cada voluntário: credenciamento, lounge para recepcionar convidados, bazar, tenda de recreação, estúdio 1 ou estúdio 3, por exemplo. As pessoas passam por um treinamento prévio. “Todo mundo precisa estar bem preparado, porque a televisão funciona com um cronômetro rodando. Os voluntários vão ganhando habilidade e ficam no programa por muitos anos”, diz Brito.

O caminho para se tornar voluntário na AACD

Anos atrás, quando uma pessoa desejava trabalhar como voluntária, ia a uma instituição. Hoje, existem milhares de maneiras de descobrir como e onde se voluntariar. Pesquisas em sites especializados e nas redes sociais, conversas com quem já realiza esse tipo de ação, programas que tratam do tema na TV, como o Teleton, e até agências de viagem que propiciam trabalhos voluntários internacionais... Mas só a pessoa pode validar a sua própria escolha.



O que você precisa para ser voluntário

A condição básica é a de que o candidato ou candidata precisa ter mais de 18 anos. Estudos mostram que o voluntariado faz bem tanto para a mente como para o corpo, ajuda na socialização e a controlar o stress e a pressão arterial, além de trazer um sentido para a vida.

- O voluntariado pode ser um valioso tempo com a família. Sim, levar os filhos e os pais para ações de voluntariado pode ser uma boa oportunidade de compartilhar valores essenciais e aprendizado.
- O voluntariado também traz conhecimento e aprimoramento pessoal. É ótimo para jovens em começo de carreira ou para profissionais que buscam adquirir habilidades que são bem-vistas pelo mercado de trabalho.
- Para quem já se aposentou e está em busca de novas atividades e motivações, o voluntariado pode ser também de grande valia. Enfim, o voluntariado é para todos.

“Quando o meu filho foi diagnosticado com uma doença rara e precisou fazer uma cirurgia, passamos 12 dias internados no hospital da AACD. Senti gratidão pela instituição e me tornei voluntária no Bazar. Na prática, descobri que o voluntariado é um dos propósitos da minha vida. Além de ajudar o próximo, eu me ajudei a superar as dificuldades que passei com meu filho.”

Elisabete de Lucca Venturini, 65 anos, empresária, voluntária na AACD Ibirapuera desde 2008.



Diferentes gerações se encontram no voluntariado: Márcia Marques e Livia Magalhães.

Treinamento para se tornar voluntário

Para se inscrever na AACD é preciso preencher um formulário no site da instituição. Nessa ficha de inscrição, existem campos onde o candidato seleciona a unidade (existem oito espalhadas pelo Brasil), a disponibilidade de tempo e as áreas de interesse. Depois é só aguardar o processo de seleção com uma etapa presencial e o treinamento.

O candidato faz um curso de formação de novos voluntários para ter uma noção geral sobre a instituição e as possíveis atividades a serem exercidas, começando por ser apresentado à missão, visão e valores do voluntariado da AACD:

MISSÃO Apoiar a AACD no cumprimento de seus objetivos, promover o bem-estar dos pacientes e atuar como embaixador da causa da pessoa com deficiência, facilitando e promovendo sua inclusão na sociedade.

VISÃO Ser reconhecido como um dos principais voluntariados na área da saúde e como referência para a causa da pessoa com deficiência.

VALORES Ética, solidariedade, trabalho em equipe, des vaidade, alegria.

Na sequência, é apresentada a Lei do Voluntariado e os benefícios para quem se torna voluntário, passando também pelo código de conduta da AACD e pelo regimento interno — diretos, deveres, o uso do uniforme, etc. Depois da parte institucional, o candidato participa do curso de formação de novos voluntários, onde se apresentam profissionais, como médicos e fisioterapeutas, assim como funcionários das áreas de marketing e captação de recursos, entre outras. Já os coordenadores do voluntariado explicam o que o voluntário faz dentro de cada área de atuação. Na fisioterapia infantil, por exemplo, as funções são higienizar os colchonetes e os brinquedos e recepcionar as crianças e os pais, entre outras.

O curso de formação de novos voluntários acontece no horário comercial e aos finais de semana. Faz parte desse treinamento também uma visita guiada por toda a unidade da AACD. Tudo para que o candidato vivencie a atuação do voluntariado em cada setor. Assim ele pode conhecer melhor a área com que mais se identifica, se quer ter contato com os pacientes ou se prefere a área administrativa, por exemplo.



O site da AACD oferece cursos de formação para voluntários.

Tipos de voluntário da AACD

VOLUNTÁRIO REGULAR Atua dentro das unidades da AACD com dia fixo (aos finais de semana também), por no mínimo quatro horas e no máximo oito horas semanais;

VOLUNTÁRIO EVENTUAL Atua de forma esporádica, apoiando as ações em eventos internos e externos da instituição;

VOLUNTÁRIO À DISTÂNCIA Exerce funções que não necessitam da presença física na instituição.

Treinamento concluído, hora de voluntariar

O candidato recebe um certificado de conclusão do curso de formação de voluntários. Com dia e horários determinados, inicia as atividades voluntárias acompanhado pelo coordenador voluntário que irá apresentá-lo a toda a equipe da área em seu primeiro dia. Essa tutoria é para deixar o novo voluntário à vontade e tirar possíveis dúvidas para que possa exercer as atividades com segurança e tranquilidade.

“Desde pequena, acompanho o programa Teleton. A AACD tocou o meu coração por prezar pela dignidade das pessoas. Nunca me esquecerei do abraço emocionado e do ‘seja bem-vinda!’ que recebi da minha futura coordenadora, Maria José Bebian, na entrevista para fazer parte do corpo de voluntários. Naquele momento eu soube que estava no caminho certo.”

Mariana Rudigher Moreira, 27 anos, psicóloga, voluntária da AACD Ibirapuera desde 2019.



“Penso que todos nós temos algo para doar. Iniciei minha atividade na Brinquedoteca da AACD, um lugar onde o espírito do voluntariado é de união e todos sabem sobre a importância de se doar para a sociedade.”

Anderson Felipe de Jesus Alves, 23 anos, estudante de fonoaudiologia, voluntário na AACD Ibirapuera desde 2018.



A paciente Mariana de Oliveira, ativista no combate ao capacitismo, ministra palestras sobre o tema.

“Eles não precisam de piedade, eles precisam de oportunidade.”

Dr. Bomfim

Combatendo o capacitismo

“Capacitismo é o preconceito de que pessoas com deficiência não são capazes de realizar nada, não têm ação nem poder de decisão”, explica Belle Palma, paciente e voluntária da AACD. Trata-se de um prejulgamento peculiar, que pode se manifestar tanto pela discriminação direta, a exemplo do bullying, quanto pela indireta, como a superproteção dos amigos e familiares, entre muitas outras formas.

Belle esclarece que não há problema em zelar pela pessoa com deficiência, desde que esse comportamento não interfira na capacidade de autonomia do indivíduo. “Um passeio com alguém pode ser um momento de carinho e atenção. Se a pessoa for comigo por achar que eu não consigo ir sozinha, é capacitismo por parte dela, por mais que a intenção seja boa”, afirma.

Para a ativista, o capacitismo se combate com diálogo e informação. “Você tem dúvida se eu consigo ir ao shopping sozinha? Em vez de ir comigo por julgar que eu não dou conta, pergunte: ‘Precisa da minha ajuda? Quer que eu vá?’. Eu vou falar a verdade e não vou negar auxílio, se precisar dele.”

O capacitismo também está presente em expressões populares, tais como: “João-sem-braço”, “braço curto”, “em terra de cego, quem tem um olho é rei”. Segundo Belle, costuma vir acompanhado de infantilização, como se o indivíduo com deficiência tivesse a idade de uma criança. “Já ouvi comentários como: ‘Ela é tão inteligente. Ela lê bastante, né? Ela é tão bonita que nem parece deficiente’”, diz a ativista, graduada em administração de empresas.



“O trabalho voluntário é uma realização pessoal, um ato de solidariedade e amor ao próximo. Penso que cada um deve contribuir de acordo com as suas possibilidades de tempo, mas é importante que o compromisso assumido seja cumprido.”

Roberto Hovnan Nerguisian, associado e membro do Conselho Consultivo Regional da AACD Osasco.



Linha do tempo

LINHA DO TEMPO

A história da AACD ao longo de mais de 70 anos

1950

Sede da primeira AACD, na Rua Barão de Piracicaba, em São Paulo, fundada pelo ortopedista Dr. Renato da Costa Bomfim.

1957

Parada do Lírio, primeira campanha de arrecadação de fundos, organizada pelas voluntárias da AACD.

1972

Inaugurada a Unidade Mooca.

1978

A AACD sedia o 1º Seminário Nacional sobre Legislação para Pessoas com Deficiência Física, importante contribuição para a Constituição de 1988.

1962

Inaugurada a Oficina Ortopédica da AACD, a primeira do Brasil, que capacitou técnicos de mais de 50 países e tornou-se referência internacional.

1963

Fundado o novo Centro de Reabilitação no Ibirapuera.

1980

Visita do Dr. Albert Sabin, médico pesquisador e criador da vacina da poliomielite, à AACD.

1983

Acontece o primeiro Curso para Voluntários da AACD.

1987

É criado o setor de Musicoterapia, disciplina dentro do corpo de reabilitação da AACD.

É instituída a Avaliação Global, na qual os pacientes são avaliados por todos os setores para definir em termos terapêuticos quais as terapias necessárias.

1988

A paratleta Maria Lucia do Nascimento, ligada à AACD, disputa corrida em cadeira de rodas durante os Jogos de Seul, na Paraolimpíada da Coreia do Sul.

1992

Para impulsionar a venda dos Bazares, os voluntários criam a Feira da Oportunidade.

1993

Inauguração do Hospital Ortopédico, no Ibirapuera.

1998

Primeira edição do Teleton, realizada com o apoio de diversas emissoras que formaram a rede solidária com a liderança do SBT.

1999

Com os recursos do Teleton, é inaugurada a Unidade Recife (PE) para atender pacientes das regiões Norte e Nordeste.

LINHA DO TEMPO

2000

Inauguração da Unidade Porto Alegre (RS), com os recursos do Teleton, para atender municípios da região Sul.

2001

Pacientes do Triângulo Mineiro e do Alto do Parnaíba passam a contar com a Unidade Uberlândia, construída com os recursos do Teleton.

2002

Lei para adição de ácido fólico em farinhas nasceu por iniciativa da AACD.

2003

Com os recursos do Teleton, pacientes dos municípios da Grande São Paulo passam a contar com a Unidade Osasco.

2004

Nova Iguaçu (RJ) ganha unidade da AACD para atender a Baixada Fluminense, também com a ajuda do Teleton. Em 2018, a prefeitura de Nova Iguaçu assumiu a gestão dessa unidade.

2006

Com os recursos do Teleton em parceria com a prefeitura de Joinville (SC), a cidade catarinense inaugura a ARCD (Associação de Reabilitação da Criança Deficiente), que passou a ser administrada pela Prefeitura de Joinville em 2017.

2008

Inauguração da ARCD de São José do Rio Preto (SP), com os recursos do Teleton em parceria com a prefeitura local.

2011

As Unidades Santana e Campo Grande, em São Paulo, puderam ser viabilizadas com a doação de terrenos da prefeitura e recursos do Governo do Estado. Em 2015, a prefeitura assumiu a gestão das duas unidades.

Poços de Caldas (MG) ganha unidade da AACD. Em 2021, a AACD anunciou parceria técnica com a ADEFIP (Associação Físicos de Poços de Caldas), que assumiu a administração dessa unidade.

2012

Fundado em 1966 pela professora Maria Hecilda C. Salgado, o Lar São Francisco, em São Paulo, é incorporado à AACD, abrangendo programas sociais nas áreas de educação, pesquisa e esporte.

2014

Campina Grande (PB) ganha unidade da AACD com os recursos do Teleton. Em 2015, a prefeitura local assumiu a gestão dessa unidade.

2015

Lançado o projeto Jardim Encantado, no qual voluntários, profissionais, mães e pacientes produziram peças de crochê como presente pelos 65 anos da AACD.

2018

Conquista da Acreditação Internacional QMentum, certificação com padrões de excelência em qualidade e segurança no atendimento ao paciente.

2019

Lançado o projeto Parcerias Técnicas, que leva o padrão de excelência da AACD para unidades de assistência em outras regiões do país.

Certificação Internacional Planetree, prêmio que reconhece a orientação e o cuidado centrado na pessoa com foco em humanização.

2020

Médicos da AACD atuam como voluntários no Hospital das Clínicas para ajudar no combate à Covid-19.

Mesmo à distância, por conta do distanciamento social, o corpo de voluntários produziu 8.000 máscaras de tecido, doadas pela instituição para serem distribuídas em todas as unidades da AACD.

Créditos fotográficos

As fotos utilizadas neste livro são do arquivo da AACD e arquivos pessoais dos entrevistados, salvo as fotos:

Foto Divulgação – Santa Casa de Misericórdia: 46

Alex Deitos: 13, 15.

Flávio Casuo: 22, 24, 37, 39, 66, 69.

Luciana Maluhy: 25, 26, 38, 39, 40, 83, 120, 126.

Matheus Martins: 24, 74, 113, 115.

Patrícia Santos: 94 – fotógrafa do Comitê Paraolímpico Brasileiro.

Buda Mendes: 100 – fotógrafo do Comitê Paraolímpico Brasileiro.

Fábio Chey: 100 – fotógrafo do Comitê Paraolímpico Brasileiro.

Bibliografia

LIVROS

Associação de Assistência à Criança Deficiente — AACD (org.). *Vida é movimento*. São Paulo, agosto de 2000.

Sobolh, Thelma e Widman, Simon. *Voluntariado, a possibilidade da esperança: cenário do trabalho voluntário no Brasil*. São Paulo: Editora Voluntários Einstein, 2011.

Ioschpe, Evelyn Berg (org.). *3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SITES (acesso em outubro de 2021)

Portal Santa Casa de Misericórdia de São Paulo: www.santacasasp.org.br

Cruz Vermelha Brasileira: www.cruzvermelha.org.br

Cruzada Pró-Infância: www.cruzadaproinfancia.org.br

Atados Plataforma de Voluntariado: www.atados.com.br

História do Voluntariado no Brasil - Revista Filantropia - 01 Julho 2010: www.filantropia.org/informacao/historia_do_voluntariado_no_brasil

CLIPPINGS DE JORNAIS DA AACD

ATAS DA DIRETORIA DA AACD

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem neste livro. A AACD agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que estejam incompletos nesta edição e se compromete a incluí-los nas futuras reimpressões.

Áudio descrição

O livro “Quem ama cuida – A contribuição do Voluntariado na reabilitação de pessoas com deficiência física” está disponível no site da AACD e acessível para todos os públicos em formato de audiodescrição.

Para ouvir e saber mais sobre o trabalho do Voluntariado na história da AACD, leia o QR Code:



Fontes: Crimson Pro e Poppins
Papéis: Couchê fosco 150g (capa), AP 120g (miolo)
Tiragem: mil exemplares.



"A AACD é uma obra de muitos voluntários, colaboradores, mantenedores, profissionais da saúde, funcionários, pacientes e familiares que por aqui passaram e passam todos os dias. Semente de solidariedade humana, fecundada a cada instante e a cada instância. Desafio constante que nos enche de orgulho e nos fortalece para o futuro."

Roberto Costa de Abreu Sodré (1917–1999),
ex-governador de São Paulo e ex-presidente voluntário da AACD

ISBN: 978-65-996385-0-3



APOIO

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO



vida é movimento



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

